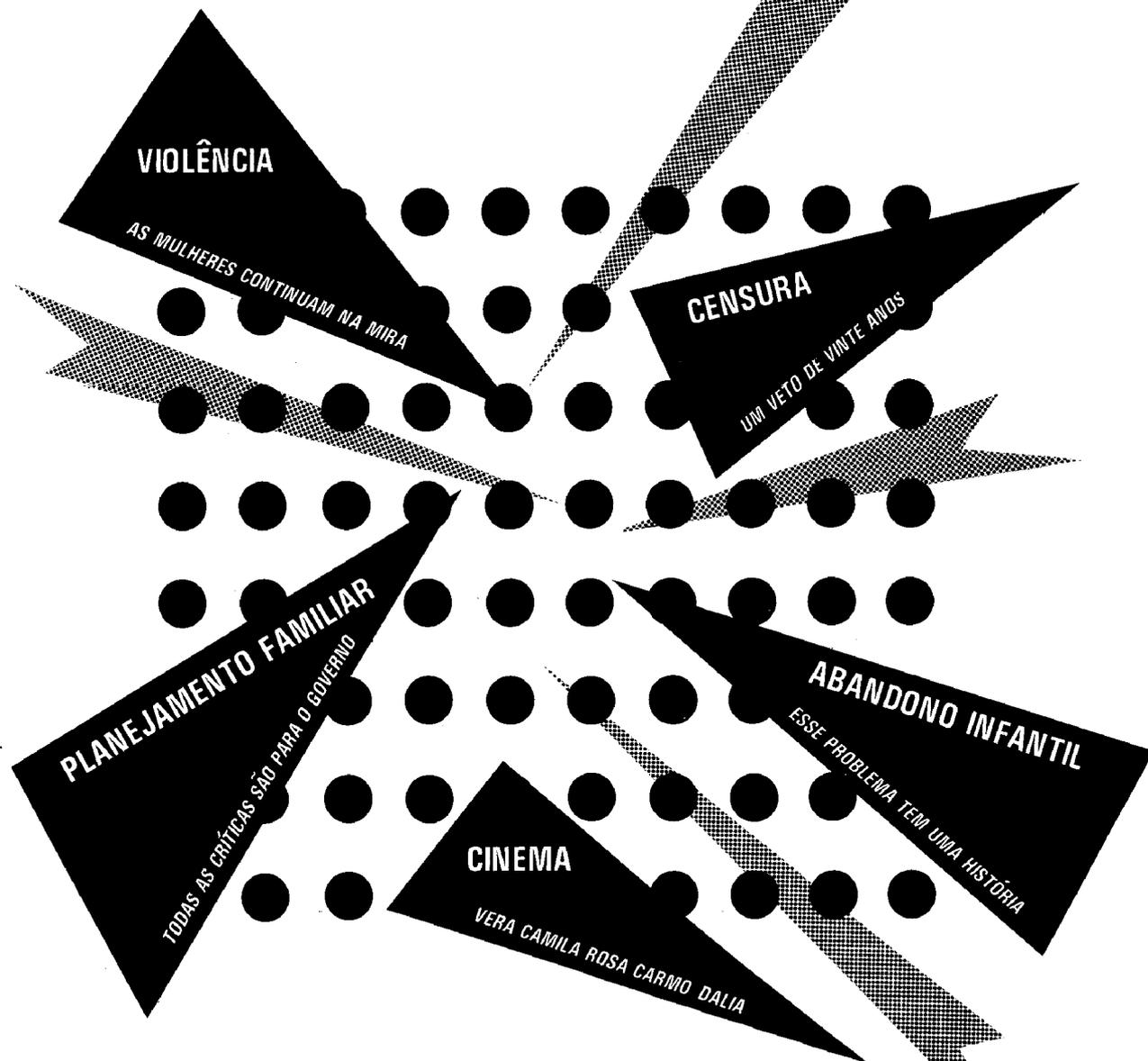


Ano VII
n.º 28
mar/abr 1987
São Paulo
Brasil
Cz\$ 20,00

MULHERIO



O CERCO CONTINUA

PONTOS DE VENDA

MINAS GERAIS

Espaço Cultural Livros e Artes, Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora.

MATO GROSSO DO SUL
Regina Arakaki, Rua Rui Barbosa, 2.324, fone (067) 382-0642, Campo Grande.

PARÁ

Jane Beltrão, fone (091) 229-6336, Belém.

PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda., Av. Iguçu, 624, fone (041) 233-3622, Curitiba.

PERNAMBUCO

Gê Lisboa Livros Ltda., Rua Princesa Isabel, 129, Recife.

RIO DE JANEIRO

Dazibao Livraria, Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ouvidor, 11 Rio de Janeiro.

Livraria Timbre, Shopping Center da Gávea, Rio de Janeiro.

RIO GRANDE DO SUL

Distribuidor: Marco Amaral, Pça. Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre.

LIVRARIAS

Graphii Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340

Livraria Adeli Sell: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27

Livraria Arcano 17: Av. Protázio Alves, 1.138

Livraria Mercado Aberto: Rua Riachuelo, 1.291

Livraria Palmarinca: Rua Gal. Vitorino, 140, 1.º andar

Livraria Prosa e Verso: Rua Mostardeiro, 120, loja 4

Livraria Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21

SÃO PAULO

Distribuidor: Org. Costa - Livros, Revistas e Jornais Ltda., Cx. Postal 2157, fone (011) 227-6509, São Paulo.

Maria Alice Paes, fone (0192) 43-3267, Campinas.

LIVRARIAS

Art Nouveau: Shopping Center Eldorado

Art Nouveau: Rua Pamplona, 1.129-A

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448

Brasiliense: Rua Oscar Freire, 561

Canto da Prosa: Rua Simão Álvares, 445.

Capitu: Rua Pinheiros, 339.

Cortez Editora e Livraria: Rua Bantira, 387

Da Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140

La Selva: Aeroporto Congonhas e Cumbica

Litteris: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264

Litteris: Bar Avenida, Av. Pedroso de Moraes, 1.033



FONTE DE CONSULTA

Leio **Mulherio** desde seu início e considero a publicação indispensável para entender a situação da mulher brasileira hoje. Acabo de concluir meu livro **Our Own Lives: Brazilian Women Speak**, uma história oral que contém vinte testemunhos baseados em entrevistas que gravei com mulheres brasileiras de diferentes idades, raças e situações sócio-econômicas. Na preparação deste livro, que possui mais de cinquenta páginas com notas bibliográficas e informativas, o jornal **Mulherio** me ajudou muito, mais do que qualquer outra fonte.

Daphne Patai
Institute for
Advanced Study
Indiana, EUA

nisterial é um desdobramento do Conselho de Desenvolvimento Social e vemos como implicita a participação do CNDM em qualquer comissão criada por essa instância, e que implique a definição de políticas relativas à condição feminina.

Jacqueline Pitanguy
e Madalena Brandão
/ CNDM
Brasília, DF

INTERCÂMBIO SINDICAL

Estamos formando a Comissão da Mulher Eletricista no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Florianópolis, com o objetivo de conscientizar a mulher eletricista, buscando sua politização, união e reconhecimento de direitos. Desejamos fazer intercâmbio entre essa comissão e outras comissões e movimentos populares de todo o Brasil. O endereço para correspondência é Rua Felipe Schmidt,

27, 6.º andar, conj. 605. CEP 88000, Florianópolis, Santa Catarina.

Maria Margarida
Maciel Dantas
Florianópolis, SC

MULHERIO NA BIBLIOTECA

A Biblioteca Pública Municipal de Bagé recebeu o exemplar número 26 do **Mulherio**. Felicitamos o jornal pelo seu conteúdo e engajamento, e esperamos continuar recebendo as próximas edições.

Biblioteca Pública
Municipal de Bagé
Bagé, RS

HOMEM NA MILITÂNCIA

Estou renovando minha assinatura e de minhas filhas e parentes. Sigam com o trabalho, que é do mais alto nível. Apenas para dados estatísticos, tenho 40 anos, quatro falências

PARA FORA



conjugais, uma filha de 20 anos do primeiro casamento e um casal de gêmeos de 15 anos do terceiro. Sou industrial gráfico, militante do Movimento Negro, anticomunista e anticapitalista.

L. Sérgio Falcão Moreira
Rio de Janeiro, RJ

DE SÃO PAULO AO PARANÁ

Em Campinas, onde concluí o curso de sociologia na PUC-CAMP, o jornal **Mulherio** era lido e discutido nas classes e mesas de bar, sendo a assinatura realizada em sistema de cooperativa. Aprendemos muito com vocês. Estou de mudança para Curitiba, onde pretendo dar sequência aos meus estudos. Terá imenso prazer em continuar divulgando o jornal, agora entre novos amigos.

Cleunice Santos Neves
Campinas, SP

AGRADECEMOS OS VOTOS DE FELIZ 87:

Federación de Mujeres
Cubanas
Brasília, DF

Padre Fernando
Altemeyer
São Paulo, SP

Centro Nacional Bertha
Lutz
São Paulo, SP

GRECMU
Montevideo, Uruguai

Tereza Lajolo
São Paulo, SP

Nádia Battella Gotlib
Belo Horizonte, MG

The Union of Women's
Work Committee's
Occupied Territories
Jerusalém, Israel

Movimento de Mulheres
8 de Março
Rio de Janeiro, RJ



ERRAMOS

O artigo de Branca Moreira Alves, **A Luta pelo Voto**, publicado no n.º 27, sofreu uma inversão na sua continuidade. O bloco de texto sob o intertítulo "O 15 de Novembro das Brasileiras" deveria anteceder a sequência "A Igualdade Civil da Mulher Casada". Desculpas para a autora.

DE DENTRO

POSIÇÃO DO CONSELHO

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) discorda da política de controle demográfico criada pelo Conselho de Desenvolvimento Social, através da Comissão Interministerial de Planejamento Familiar, pois o governo já estava implementando o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Paism), que significa um avanço, e diante do qual o CNDM tem se posicionado favorável, embora reserve seu direito a críticas. E, sendo o CNDM o órgão do governo encarregado de traçar políticas públicas relativas à questão da mulher, entendemos que a Comissão Inter-



MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman-Bianco (Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Saïder (USP); Fátima Rosenberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Buarque de Hollanda (UFRJ; Stanford University, USA); Mariagustina Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher, Salvador, BA); Marlyse Meyer (Unicamp, SP); Marta Góes (jornalista, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

Editora-responsável: Inês Castilho (MTB 17 504); **Editora:** Santamaría Silveira (MTB 13.517); **Repórter/Redatora:** Paula Mageste; **Secretária de Redação:** Pérola Paes; **Artes:** Jaime Prades, Cláudia Reis e Walyria Suleiman.

Publicidade: Maria Lúcia de Barros Mott; **Assinaturas:** Helena Maria Moreira; **Contas e Pagos:** Luiz Ângelo Gonçal-

ves; **Secretária Geral:** Tânia Cristina V. de Paulo.

Colaboraram neste número, além das pessoas que assinam matéria: Albertina de Oliveira Costa, Carmem Barroso e Rosana Ortiz.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.

Publicado com o apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ. **Mulherio** é uma publicação do Núcleo de Comunicações **Mulherio**, associação civil sem fins lucrativos. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052.

Composição e Impressão: DCI - Indústria Gráfica S.A., Rua Dr. Almeida Lima, 1.384, Mooca, 03045, São Paulo, SP, fone (011) 948-5088. **Tiragem desta edição:** 10 mil exemplares.

Batalha cotidiana pela liberdade

ARLENE COLUCCI
jornalista

Anjos do Arrabalde - As Professoras

direção e roteiro de Carlos Reichenbach

Com Betty Faria, Clarisse Abujamra, Irene Stefania, Vanessa Alves, Enio Gonçalves, Emílio Di Biasi, Ricardo Blat, Carlos Koppa

Não é fácil ser professora no Brasil. Salários baixíssimos e mínimas condições de aprimoramento e crescimento intelectual têm condenado "verdadeiras quixotes" do ensino a uma vida de valor e sentido cada vez mais discutíveis. "Ensinar" ou "tentar ensinar" uma legião de crianças e adolescentes em troca de minguados e deflacionados cruzados não é uma missão das mais atraentes. Se isso vale para a parcela de professores que trabalham nos bairros centrais das grandes cidades, incluídos aí os professores universitários, o que dizer dos que têm sua sala de aula plantada na periferia, onde tudo é ainda mais difícil?

É justamente o drama cotidiano e sem muita esperança dessas professoras de escolas periféricas de São Paulo - num retrato realista, cru e sem qualquer maquiagem - que está em *Anjos do Arrabalde (As Professoras)*. 10.º



longa-metragem de Carlos Reichenbach, cineasta gaúcho paulista, conhecido como o "Godard da Boca do Lixo". Os anjos de que fala o título são Dália (Betty Faria), Rosa (Clarice Abujamra) e Carmo (Irene Stefania). Amigas que cursaram juntas o normal, dão aula no mesmo grupo escolar. E, como se fossem poucos os problemas que enfrentam como professoras de alunos desamparados e carentes, elas estão envolvidas ainda por um mesmo pano de fundo tecido por questões muito mais sérias e complexas.

Independente da forma e da postura de cada uma, as três mulheres travam no dia-a-dia uma clara batalha contra a violência, a hostilidade e a falta de dignidade impostas pelo meio em que vivem. O que atrai e angustia neste filme de Reichenbach, é exatamente essa briga cotidiana que vai dando corpo e

consistência aos personagens. O cineasta deliberadamente centra suas atenções no lado feminino, pois os homens, apesar de serem igualmente vítimas de um contexto social e econômico impiedoso, quando ocupam a tela, surgem como violentos e grosseiros ou medíocres e insensíveis.

Carmo é a mais comportada de todas. Adora lecionar, é admirada pelos alunos e pela diretora da escola. Casada, tem uma filha, um lar estruturado, mas foi obrigada a parar de trabalhar pelo marido (Enio Gonçalves), um advogado criminalista que estorpe dinheiro das famílias dos bandidos presos, prometendo libertá-los. Dália é equilibrada e independente. Tem um amante, Carmona (Emílio Di Biasi), jornalista bem-sucedido que adora e diverte-se com o mundo da periferia. O relacionamento de Dália com Carmona não a livra da "fama" de gostar de dormir com mulheres. As fofocas sobre sua vida sexual, porém, não a perturbam. Suas preocupações maiores estão no irmão Afonso (Ricardo Blat), com quem vive: um jovem problemático, viciado em cola e maconha, louco por alguns trocados e mulheres. A terceira, Rosa, é a que mais se revolta com sua situação, a mais inquieta. Não esconde que odeia os alunos, a escola, a diretora, e mora sozinha num apartamento minúsculo pago pelo BNH. Estéril, acostumada a viver só, contenta-se com o amante casado, um sempre mal-humorado inspetor de ensino, com quem mantém um caso de amor já à beira da falência.

A esse mundo nada colorido e excitante das professoras, Reichenbach incorporou uma quarta e importante personagem que abre e atravessa todo o filme como uma síntese de dor e das atrocidades presentes na história de um grande número de mulheres das classes sociais mais sofridas. Aninha (Vanessa Alves) é, na verdade, o anjo vingador do arrabalde. Silenciosa, magoada e inocente, ela arma-se como pode, e como dá, para enfrentar o desrespeito e a humilhação. Nos seus confrontos, não usa de palavras, mas faca e revólver. Assim, numa manhã, quando o amante, um operário rude e ignorante, lhe dá uma surra, ela o esfaqueia. Dias depois, descarrega o revólver sobre Nivaldo, um playboizinho do bairro que a violentou e insistia em importuná-la.

As três professoras procuram, de uma forma ou de outra, se libertarem. Rosa prefere um caminho mais rápido e definitivo. A notícia de que será substituída pela esposa de seu amante, também professora, é a gota d'água para seu suicídio em plena sala de aula - e, como Aninha, Rosa vira notícia de jornal. Dália, a professora bissexual, escapa de ser manchete. Procurada por uma repórter (Nicole Puzzi), sua ex-amante, para falar sobre a violência no bairro, Dália deixa-se seduzir e entrevistar, mas na manhã seguinte, quando a jovem ainda dorme em sua cama, ela rouba a fita e o gravador. Carmo volta a dar aulas e o que se vê na tela é um marido desesperado, inconformado, como que apunhalado por um anjo forte, impiedoso e feminino.



Susú Pecoraro e Imanol Arias, o par central de

NORMA MORANDINI

psicóloga e jornalista, correspondente da revista espanhola *Cambio 16* na América do Sul

Camila: uma história sobre a intolerância

Camila: o símbolo de uma mulher apaixonada
direção e roteiro de Maria Luisa Bemberg
Com Susú Pecoraro, Imanol Arias, Héctor Alterio, Elena Tasisto, Carlos Muñoz, Héctor Pellegrini, Mona Maris

Camila, o filme da argentina Maria Luisa Bemberg, é uma história de amor. Uma paixão trágica e verdadeira: o mais escandaloso dos amores na Buenos Aires colonial do século passado. Jovem, rica e bonita, Camila O'Gorman é uma transgressora. Filha de uma das famílias mais poderosas e aristocráticas de Buenos Aires, ela leva até o final seu amor pelo mais proibido dos homens que frequentam seu círculo: um jovem sacerdote espanhol.

Maria Luisa Bemberg conhece muito bem a história que filmou. Escutou-a desde a infância dentro da própria família, oligárquica como os Gorman. Bemberg também é uma transgressora ao narrar a história com beleza e requinte, atualizando um dos temas mais dolorosos da Argentina contemporânea: a intolerância, pois **Camila** constata que o passado da Argentina foi igualmente violento e intolerante como este passado recente que ainda paira dramaticamente sobre o presente dos argentinos. No século passado, eram as frações políticas dos unitários e federais que lutavam até a morte, mas que, no entanto, foram igualmente intransigentes para condenar o amor proibido de Camila.

Eram os anos em que governava Rosas, o sanguinário e popular caudilho. Uma figura polêmica com a qual até hoje os argentinos não concordam. Seus seguidores eram os federais e as

argentinas para os presos políticos escondidos em campos clandestinos de detenção e, posteriormente, assassinados.

Camila é um filme sobre a intolerância e o primeiro que os argentinos viram quando se restaurou a democracia em 1983. Maria Luisa Bemberg vai ao passado para demonstrar que há uma tradição de violência na história de seu país. Saudavelmente, os argentinos estão exorcizando seu passado através de filmes, como a *História Oficial*, *Tangos*, o *Exílio de Gardel* e uma dezena de outros que não se conhece no Brasil, mas que os argentinos assistem em massa. Ao final, as reações são sempre as mesmas: indignação, insultos coletivos e uma comoção que enche os olhos das mulheres de lágrimas e que os homens apenas reprimem.

Com **Camila** os argentinos estrearam as lágrimas. Logo vieram a euforia pela democratização, a indignação ante o horror revelado no julgamento das juntas militares e, agora, o difícil trâmite de vencer a desesperança do "Ponto Final", como uma lei que inocentou os torturadores.

A arte o está conseguindo. A política continua enredada nos argumentos ideológicos que, como mostra **Camila**, não entendem as verdadeiras

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

CINEMA

VERA

Depois de ver o filme **VERA** na cabina da Embrafilme, em plena boca-do-lixo paulistana, notei um indefinido desassossego dentro de mim. Nem tudo era verdade nas minhas emoções: no meu estômago havia sementes de agitação que meu (excessivo) suco gástrico não estava conseguindo digerir. Eram quase 10 horas da noite quando, saindo da projeção, pus os pés na calçada da Rua Vitória e senti algo que só até certo ponto poderia ser chamado de "realidade". Havia no chão real uma estranha indefinição.

Mal comecei a caminhar, notei três pessoas se aproximando em minha direção e ouvi suas vozes masculinas, mas quando elas passaram por mim, vestiam roupas de mulher: a mais próxima parecia uma senhora de uns 50 anos, rosto enrugado, corpo magérrimo e cabelos em rabo-de-cavalo, caindo até a cintura - mas a voz era indiscutivelmente de homem. Eu tinha, recorrentemente diante de mim, a vivência da máscara, ao cruzar com três estranhos e velhos travestis, no entanto, tão corriqueiros ali na boca. Naquele instante apalpei meu incômodo. **VERA** era apenas mais um episódio de uma longa história da qual as ruas fazem parte, na ficção da realidade.

Quando me dei conta eu caminhava



RETRATO DE UMA IDENTIDADE IMPOSSÍVEL

VERA

direção e roteiro de Sérgio Toledo. Com Ana Beatriz Nogueira, Raul Cortez, Aida Leiner, Carlos Kroeber, Imara Reis, Cida Almeida e Adriana Abujambrá

Na elaboração dessa saga da não-identidade (ou identidade em crise), acho que foi importante que um homem fizesse esse filme sobre uma mulher que pensa ser homem: tais meandros intergêneros permitiram a construção de uma cálida ambigüidade já na estruturação do filme. É admirável como o resultado está isento de cacocetes exibicionistas, numa ausência de malícia ideológica certamente responsável por sua enorme força poética: Sérgio Toledo quis apenas perseguir seu personagem, fossem quais fossem seus caminhos.

Só vi dois senões: a música às vezes redundante e grandiloquente de Arrigo Barnabé, ainda que no geral tenha complementado esse clima de busca do mistério interior; e a interpretação frouxa, gelada e trivial de Raul Cortez, que passa uma incômoda impressão de desinteresse pelo personagem. Mas nada disso compromete seu resultado poético. **VERA** é uma bela meditação sobre a fé nesse desejo que move montanhas e tem, por isso, componentes quase místicos: os rostos de Bauer reproduzidos nos vários monitores de TV segredam essa confluência dos contrários: a ânsia de viver sua identidade como multiplicação de máscaras, realizando a utopia sagrada de ser muitos num só.

O mistério ficou intacto: só muito mais tarde fui me dar conta que o sangue final de Vera/Bauer não era ferimento, mas menstruação. Prova de que eu também tinha me esquecido que se tratava de uma MENINA-MOCO. Se aquele sangue marca a dura fronteira do real, aponta também para um real de identidade basicamente imprecisa. Nossos espelhos jamais poderão responder quem somos nós, de fato. Foi isso o que **VERA** fez comigo, naquela noite. Puxou o tapete das minhas certezas ideológicas e sussurrou ao meu ouvido: cada um de nós é fundamentalmente filho do caos.

João Silvério Trevisan é escritor, cineasta e tradutor. Autor de Vagas Notícias de Melinha Marchiotti e Devassos no Paraíso.

tório onde as ambigüidades querem imperiosamente se comunicar enquanto tal. Os juízos se diluíram para que os personagens mergulhassem na dimensão mesma do seu mistério pessoal. Sem posicionamentos ideológicos prefixados, **VERA** abre as portas para o mistério da identidade, a partir da história de uma mocinha que quer ser mocinho - o "ser ou não ser" tornado falso dilema. Para tanto, o diretor e roteirista Sérgio Toledo não se protegeu detrás de pruridos. As mulheres do seu filme são quase todas masculinizadas e conversam abertamente sobre como "ser macho".

Uma das cenas mais contundentes é quando o diretor da Unidade Feminina da Febem promove uma festinha como parte de um plano para tornar as mocas mais "femininas". Ele traz rapazes da Unidade Masculina, para dançarem e, eventualmente, iniciarem possíveis romances. O resultado - como resposta às pretensões de normatização - é constrangedor: a cena, de grande densidade poética, mostra o espaço vazio do galpão de cimento abrindo-se como um abismo entre os rapazes que dançam sozinhos, de um lado, e as moças que dançam em grupo, de outro. Acho que essa falta de rodeios é que me pegou pelo pé: há o perturbador machismo reivindicado como meta *por mulheres*, mas tam-

bém a mais franca solidão, o abandono que esse machismo talvez esteja tentando resolver - e isso fica claro nos poemas de Bauer e em certas cenas de amores que ousam ou não, dentro da Febem.

Bauer/Vera não sabe quem é nem quem será, não sabe onde está nem para onde irá. Tudo lhe é exílio, sua identidade mesma é uma forma de exílio. Bauer/Vera existe numa terra estranha: ele/ela vive a experiência de não estar em lugar nenhum, mesmo estando. Para que toda essa contundência emergisse no filme, acho que foi fundamental o trabalho da atriz estreada Ana Beatriz Nogueira - escolhida melhor atriz do Festival de Berlim - que interpreta Bauer/Vera de maneira sutilíssima, como se andasse sobre o fio da navalha. E posso dizer que é a primeira vez que vejo alguém interpretar seu personagem não construindo-o e sim (técnica prevista ou apenas intuitiva) desconstruindo-o, cena por cena, bem de acordo com sua fundamental indefinição.



aos prantos, no meio das prostitutas e seus clientes. Pensava: há no mundo, incógnitas e persistentes, essas pequenas flores de vida efêmera que passam deixando um perfume abalador em sua ambigüidade - como Vera que é Bauer que não sabe quem é. Corri até o telefone mais próximo e liguei para um amigo, que se assustou ao me ouvir chorar: "É que eu acabei de ver um filme lindo", falei, mas sem conseguir explicar. Tive um contato muito estranho com a poesia, ao ver esse filme sobre seres que compõem um frágil ecossistema, dentro da sociedade, onde são fatalmente condenados ao desamparo, quando não à destruição.

No entanto, ao invés de apontar o dedo acusador como um deus que nomeia os bons e os maus, o filme tinha preferido apenas descortinar um terri-

SEXO DE MENINA

DJANIRA RIBEIRO

especializada em terapia corporal,
ligada à saúde e sexualidade da mulher

Imagens
de
mulher



Material do Connection Project Conexus

Infância de menina no interior de Minas, Nordeste, São Paulo, Paraná ou Rio de Janeiro é igual. Pode variar o lugar geográfico, mas o lugar do disfarce, da obscuridade quanto ao sexo, às relações homem-mulher, se mantém. "Eu tinha cinco anos, minha mãe estava grávida. Ela comia muito, diziam que era por causa do nenê. Eu perguntava como ia chegar esse nenê, me diziam que um avião ia trazer, soltar lá de cima. Dia do parto, se trancam no quarto, eu me ponho na calçada com uma amiguinha a esperar. Não vi o avião. Era uma menina, morreu no parto. Até hoje sonho com avião caindo".

Esse lugar da mentira passa pelo que não é falado, não tem explicação. É a castração da curiosidade, da fala, do prazer, do movimento. As meninas era proibido nadar, correr, sentar de pernas abertas, pois o sexo sempre tinha de ser escondido e vivido com culpa.

"O que é modesto? Quando você for mocinha vai saber".

"Quería saber o que meu pai trazia escondido no zíper".

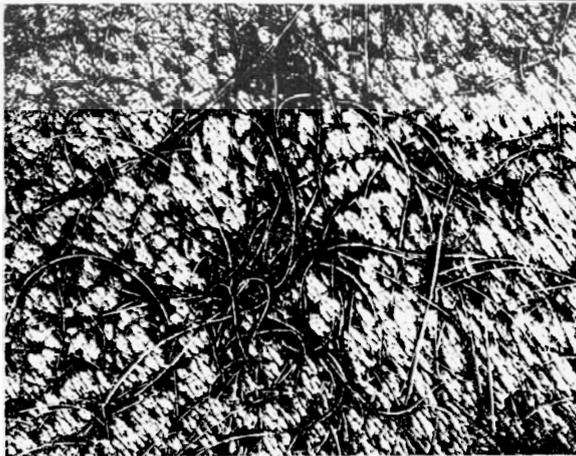
"Uma vez tomei uma surra porque junto com outras crianças olhava uma cachorrinha da rua que cruzava".

"Minha mãe brigava muito com meu pai mas ela transava com ele e gostava muito. Eu tinha raiva disso".

O corpo na infância é negado pela ausência do toque, carinho e aceitação, num processo que compromete a formação da auto-imagem. Os primeiros contatos corporais do bebê-mãe são importantíssimos, assim como a liberdade dos movimentos. Essa castração corporal acaba fomentando biografias previsíveis: "Nasci em dia de festa junina, que se interrompeu porque a mãe começou a sentir as dores. Ai nasceu uma coisa pequena. Era muito feia, a mãe não gostava de mostrar. Tudo se repetiu. Casei mal, casei grávida. Minha filha nasceu prematura, sai com ela do hospital, olhei para ela, minha cabeça pirou, me desestruturei completamente. Não consegui amamentar. Relacionamento sexual depois que a filha nasceu, foi horrível. Eu não conseguia gozar".

Esses depoimentos, anotações saídas de uma vivência/laboratório com um grupo de mulheres, e que poderiam retratar a realidade de qualquer mulher, revelam pedaços de histórias, nas quais o terreno tortuoso da sexualidade é delimitado desde a infância. As relações familiares conflitantes e a violência do condicionamento para o desempenho de papéis sociais e sexuais perpetuam e acentuam os conflitos com a própria sexualidade, interferindo na saúde das mulheres e na vivência da sexualidade como possibilidade de vida amorosa.

Falar da sexualidade das mulheres e



como se os "miúdos", signos da feminilidade, sempre exigissem cuidados especiais, precisando, muitas vezes, ser extirpados).

A importância do orgasmo e do prazer para a vida cotidiana e para o exercício da liberdade é retomado na década de 50 por Reich, que salienta o papel das repressões sexuais na etiologia das neuroses. A retomada de sua obra questionadora, nos últimos anos, resultou numa série de trabalhos que levantaram a problemática da relação entre os sistemas de opressão socioeconômico e cultural com as "conformações" corporais.

A partir dessa tese, podemos pensar numa blindagem de caráter própria da mulher oprimida e deste ponto compreender as doenças femininas ou ginecológicas, ligadas à constrição da pele, comuns na vida de grande parte das mulheres. "Por vezes a blindagem da cavidade torácica nas mulheres é acompanhada por uma falta de sensibilidade nos mamilos. Resultados diretos desta blindagem, são perturbações da satisfação sexual e aversão a amamentar um bebê, como explica Reich, na *Análise do Caráter*.

Inúmeras práticas terapêuticas corporais foram surgindo, como contribuições à cura das neuroses e doenças, dando ênfase acentuada aos processos de busca interior, autoconhecimento, ampliação da capacidade de prazer, da ligação com o chamado aqui-agora ou consciência, como pressupostos de apreensão do real e da transformação de estruturas opressoras.

Os movimentos de mulheres têm dedicado grande importância às questões da saúde, da identidade feminina

do corpo é quase uma só coisa. E a história de nossa sexualidade se confunde com a da vida reprodutiva. Na trajetória de reinventar nossa história, encontro a sexualidade e o corpo, onde a opressão é mais aguda, por causa da violência da intervenção, desde a médica - através das laqueaduras de trompas, mastectomias, histerectomias, o parto deitado, as cesáreas desnecessárias - até a anti-concepção com seqüelas e riscos.

Para a manutenção do papel para o qual a mulher foi treinada, se faz necessário condicionar o corpo, confinando as emoções, reprimindo a expressão da sexualidade. Os movimentos aceitos e estimulados são os necessários para a reprodução deste papel (menina não pode sentar de pernas abertas, falar palavrão, ter brincadeiras tidas como masculinas, brigar). A expressão de feminilidade aceita vem na forma da prenhez ou da doença (as mulheres estão sempre às voltas com ginecologistas e doenças "femininas",

e da sexualidade. E assim, vê-se hoje um número elevado de práticas que se utilizam de técnicas corporais, como os ambulatórios de sexualidade e saúde, os grupos de auto-exame e as curas alternativas. Mas é importante se estabelecer, na prática, a vinculação entre as questões da identidade feminina e da saúde com o corpo, através do movimento, consciência corporal e desbloqueio. Enfim, liberar as camadas profundas de opressão e dependência, dentro do reconhecimento de que o lugar do inconsciente é o corpo.

E, ao mesmo tempo, criar um espaço de recuperação do ser mulher, na vivência coletiva e criativa de significados como: maternidade, passividade/poder, sexualidade, como definidores da identidade feminina, dentro de três dimensões de consciência ou relações: a percepção de si, a percepção do outro e a relação tempo/espaço. Sendo que estas três dimensões se estruturam, na prática, em dois grandes temas: o corpo-mulher e o corpo-expropriado.

A Mulher na Sociedade
Instituto Goethe São Paulo
PROGRAMAÇÃO

ABRIL
MULHER E LITERATURA

dia 14 - Encontro da escritora alemã Helga Novak com escritores brasileiros (UBE)

dia 15 - Painel:
O papel da mulher no cenário literário - O discurso feminino na literatura (MASP)

dia 16 a 03/05 - Exposição de livros da República Federal da Alemanha com destaque para o assunto "Mulheres na visão da sociedade" (MASP)

dia 21 a 03/05 - Literatura e Cinema - obras literárias alemãs adaptadas ao cinema (MASP)

MAIO
MULHER NAS ARTES PLÁSTICAS/NO CINEMA/NA HISTÓRIA/NA TELEVISÃO/NA SOCIEDADE

Maiores informações: Instituto Goethe - R. Lisboa, 974, fone 011 - 280.4288

CORPO

5
MILHÉRIO

O insano percurso do

SER

LÚCIA CASTELLO
BRANCO

RESGATE

Hospício é Deus

Maura Lopes Cançado
Rio de Janeiro, José
Alvaro Editor, 1965

Estou de novo aqui, e isto é _____ Por que não dizer? Dói. Será por isto que venho? - Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue - e sempre outro. O hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro - como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde - paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o que, porque hospício é deus.

Diante do branco das paredes, ou do branco da página, uma mulher escreve. Ou rasga os vestidos, ou morde, ou canta, como suas colegas de ofício. Trata-se de Maura Lopes Cançado, mineira, ficcionista, colaboradora do *Jornal do Brasil*, personalidade psicopática ou simplesmente PP, como a classificam nos sanatórios por onde andou. Uma escritora a mais na literatura de Minas. Uma mulher a mais nos hospícios do Estado.

Filha de família rica e tradicional, casada, descasada, mãe de um menino que mal conhece, Maura Lopes Cançado, oficiosamente banida da história literária oficial, é autora de um diário que, estranhamente, não se pretende íntimo: é "apenas o diário de uma hospiciada, sem sentir-se com direito a escrever as enormidades que pensa". Entretanto, é exatamente das enormidades que pensa, de seus temores e delírios que se constitui sua narrativa. Texto entrecortado por outros textos, por referências à obra ficcional da autora e a outras obras literárias, por perguntas sem respostas, falas que não se completam, personagens que são doutores, enfermeiros, guardas e doentes, seres de papel de uma fantasia que não se quer ficção, mas real. Ou de um real que é em si mesmo ficção?

Hospício é Deus não responde. Sequer indaga. A pergunta parece estancar na constituição de um sujeito que, ao dizer "eu sou", se desconstitui. Afinal, não será esse o paradoxo da escrita do diário? Para isso existe o outro, íntegro, sem brechas, sem lacu-

nas. A partir dele, eu me constituo. Diga-me, espelho meu. Mas que fazer quando o espelho é opaco? "Sim, doutor, tudo é difícil."

As respostas de doutor "A", o psiquiatra eleito por Maura como objeto de paixão, funcionam para o leitor como traços que compõem a figura da personagem/pessoa da autora. É a partir do *outro* que o *eu* se constitui, nos informa Lacan. É a partir de doutor "A" que o *eu* do diário, sujeito do discurso, significante vazio, será preenchido.

Além do doutor "A", existe o leitor, anônimo repositório de minha ficção, de minha loucura, nos sugere a autora. E para que ele não me escape, como doutor "A" me escapou, será preciso que eu lhe mostre as coxas, como faço com "A", quando quero seduzi-lo. Ou lhe exiba meus delírios, meus horrores, minhas enormidades. Este o segredo do diário. Este o segredo de um texto que não se pretende ficcional, mas real. E o texto da mulher, que segredos guarda?

Hospício é Deus é, marcadamente, diário de uma mulher. Texto povoado sobretudo por mulheres, por fantasias femininas, por um feminino saber que não se sabe, mas que se exhibe, sedutor, em espetáculo: "Aqui estamos nesta sarabanda alucinada. Nós, mulheres despojadas, sem ontem nem amanhã, tão livres que nos despimos quando queremos. Ou rasgamos os vestidos (o que ainda dá um certo prazer). Ou mordemos. Ou cantamos, alto e reto, quando tudo parece tragado, perdido. Ou não choramos, como suprema força - quando o coração se apequena a uma lembrança no mais guardado do ser. Nós, mulheres soltas, que rimos doidas por trás das grades - em excesso de liberdade."

Há aí, evidentemente, um saber. Um saber do corpo que se introduz no discurso como uma escrita-inscrição, buscando, absurdamente, dizer o Real.¹ Mas se o Real se constitui do que escapa, do não simbolizado, como dizê-lo? Como escrevê-lo? Talvez por isso o feminino e o psicótico estejam sempre lado a lado em nossa cultura: ambos se caracterizam por esta irrup-



Interior de um hospício na década de quarenta

ção desmedida do Real. E talvez por isso a escrita feminina se construa sempre como um percurso sinuoso que pretende dizer o indizível, ser a coisa e não a palavra, estar além ou aquém da linguagem, como sugere Clarice Lispector: "Minha pintura não tem palavras: fica atrás do pensamento." E quem sabe assim se explique a frequência com que as mulheres se dedicaram a essa escrita evidentemente íntima, peculiarmente corporal, como a do diário.

As coisas se complicam um pouco quando se trata do diário de uma ficcionista. Afinal, o que recebemos como realidade, como confissão, pode não passar de ficção, habilmente trabalhada pela voz de sua narradora. Repleto de detalhes, de dados biográficos e do contexto da época, o texto de Maura se constitui de elaborados efeitos de real articulados a conhecidas técnicas ficcionais: intertítulos, epígrafes, flashes-back, etc.

E assim que trechos intitulados de "Sua Majestade Vai em Cana", "O Jogo", "O Carro das Bolinhas Brancas", trechos introduzidos por epígrafes de Faulkner ou Sartre, citações de Nietzsche, poemas, convivem ao lado de referências estritamente biográficas, como o emprego no *Jornal do Brasil*, a amizade com Reynaldo Jardim, Assis Brasil e Ferreira Guller. E como se não bastasse, trata-se do diário de uma psicopata. E mais ainda: mulher. Realidade ou fantasia? Vida ou ficção? Confissão ou sedução? "Mentir é o meu maior desempenho sobre a terra. Para quem? Por que? Não tem importância".

Esta, talvez, a questão central que nos coloca o texto de Maura: como são tênues as fronteiras entre a realidade e a ficção, entre a sanidade e a loucura. Ao lado dessa questão, um antigo percurso feminino se reproduz no diário: o percurso da identidade. "Quem sou eu?", indaga a narradora.

A interrogação desemboca em si mesma: "Nada acontecia, a não ser eu, me repetindo dia a dia."

Hospício é Deus é diário de uma ficcionista-psicopata-mulher. Talvez por isso a realidade muitas vezes se evada e se deixe invadir pelo Real. Ou talvez por isso o Real algumas vezes escape, deixando-se tragar pela mais prosaica das realidades. Nesse jogo do texto feminino contracenam a memória e a invenção, o fato e o escrito, a vida e a ficção. "Não tem importância", nos diz a autora. Nesse jogo o que interessa não é exatamente o escrito, mas a escrita. Não propriamente a fugidia substância dos fatos, mas o tecido, a sinuosa tessitura da linguagem. Aí o sujeito se constitui. E se desconstitui. Aí o corpo feminino se encena. Aí, nessa sarabanda alucinada, reluz, exuberante, o Real. A esta cintilância alguns chamam ficção, outros psicose. Aqui, no texto de Maura, neste lugar da desordem e da desmedida, atrevemo-nos a chamá-la simplesmente escrita feminina.

¹ LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 3. As Psicoses*. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

Segundo a teoria lacaniana, haveria três planos em torno dos quais o psiquismo humano se constituiria: o imaginário, o simbólico e o real. Este último se define como o residual, como aquilo que não foi simbolizado, não representado, e que por isso se situa à margem da linguagem.

Para Lacan, a psicose seria então definida como uma irrupção do Real: "O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada - e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema da simbolização - mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício". (p.102)

Lúcia Castello Branco é professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Minas, mestre em Literatura Luso-brasileira pela Universidade de Indiana (USA) e autora de *O que é Erotismo e Eros Travestido*

Le Corps des Femmes,

Edward Shorter,
Editions du Seuil,
Paris, 1984.

O fardo de Eva

ANGELA ARRUDA

Corpo de mulher. Lugar primeiro da espécie em reprodução, o privilégio o acomete e submete: martírio milenar. Nele, a mulher traz inscrita a causa da sua opressão. Ser mulher, até recentemente, continuava a ser o resignado fardo de Eva pela perda do paraíso. Romper a inferiorização física constituiu, historicamente, uma condição *sine qua non* para o surgimento do feminismo.

Esta a tese de Edward Shorter, historiador canadense, que nos é apresentada no livro **Le Corps des Femmes**, tradução francesa do original, *A History of Women's Bodies*. Para o bom estilo anglosaxão de que um argumento só vale com fundamento, Shorter consegue documentar fartamente a sua reflexão. As deficiências da empreitada, ele mesmo acusa: retrazar a história do corpo das mulheres através dos tempos em que esta era registrada assystematicamente. E, sobretudo, por outras pessoas que não elas próprias.

Ainda assim, o quadro é impressionante. A evolução sócio-cultural e científica afastou de nossa memória o que foi para nossas avós o cumprimento de seu papel. Menosprezadas pelos maridos, mal alimentadas vida afora, enfraquecidas pelas sucessivas gravidezes, trabalhando sem repouso embora grávidas ou recém-paridas, a grande maioria delas sofria na pele as consequências da sua condição biológica. E sobre elas, por exemplo, que o raquistismo — comum a ambos os sexos na Europa de ontem — se abateu com um flagelo: o parto, com o estreitamento de bacia provocado pelo mau

desenvolvimento ósseo, tornava-se um verdadeiro martírio. Só o século XX, com a difusão da cesariana e o fim da doença, vê esta realidade transformar-se radicalmente.

Aprendemos assim que nosso corpo mudou até na forma. Mas não é tudo. No retrilhar da sua história, Shorter nos faz outras surpresas, como a destruição de mitos ainda circulantes entre nós. Reconstituindo o parto tradicional e aquilatando a real competência das parteiras — muito diferenciada na cidade e no campo até 1800 — põe abaixo a lenda da autonomia de decisão da parturiente, do idílico parto "natural" de antigamente. O nascimento de uma criança era um acontecimento social, que transcorria com a participação e interferência das vizinhas e parentas. Estas, no intuito de ajudar, massageavam a futura mãe, contavam casos, mas também instavam a parteira a intervir para que tudo acabasse mais rápido. Assim, era prática corrente que ela furasse a bolsa d'água com um instrumento pontiagudo, entre outros exercícios, que facilmente provocavam infecções ou laceração de tecidos.

A ignorância generalizada sobre a fisiologia da reprodução — de médicos a parteiras — justificava erros grosseiros, como a extração de uma placenta resistente puxada pelo cordão umbilical a ponto de trazer o útero com ela. Desta forma, o parto "natural", respeitando as inclinações e o ritmo das nossas avós, era raro... À natureza ficavam entregues, isto sim, as consequências da manipulação do corpo, e o desfecho, como se sabe, era muitas vezes trágico.

O autor estabelece comparações entre a longevidade feminina e masculina, explicando a nítida inferioridade das mulheres causada pelas condições de vida e saúde que lhes eram impostas nos séculos anteriores. Percorre também as doenças relativas à sexualidade e as repercussões (sempre mais negativas) para nós, fundamentando a sua idéia de que reside em nosso corpo a raiz de nossa opressão, corroborada, claro está, pelo tratamento social que nos foi reservado e pelo interesse que a ciência teve em fazer progressos nesse campo.

Por último, passa pelos temores tradicionais do homem frente ao corpo do sexo oposto, apenas para embasar no imaginário o peso da falocracia, sem no entanto explorar toda a riqueza e profundidade simbólica aí contidas. E chega à situação atual: fim da solidariedade exclusivamente entre mulheres, solidariedade na dor e na opressão, único espaço e última resistência

então possíveis. Agora, a mulher já ultrapassa a barreira da comunidade de congêneres para buscar um aliado no homem.

O casamento por amor e os avanços no domínio da saúde contribuíram para desmistificar os fantasmas masculinos, e também facilitaram a aquisição de um novo status para a mulher. Ela não é mais apenas escrava da sua condição de reprodutora; seu corpo deixou de ser um lugar de mistério e risco. É a partir daí, ou seja, do fim da absoluta inferiorização a que se via relegada, que ela pode passar a lutar por direitos que até então nem sonhava possuir, imersa nas trevas de sua submissão.

Angela Arruda faz parte do Movimento de Mulheres da Paraíba.

O que representa a queda da divisão das tarefas?

Um é o Outro

Elizabeth Badinter
Tradução de Carlota Gomes
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986

MANI ALVARES

Este livro coloca numa linguagem clara e acessível ao público leigo uma das questões mais polêmicas desse final de século: a identidade sexual. A autora, já conhecida por seu trabalho anterior, *O Mito do Amor Materno*, realiza um mergulho vertiginoso em direção às raízes da relação homem/mulher que os antropólogos não contaram. E inicia sua interpretação da História a partir de um ponto fundamental: "UM e o OUTRO" sexo se complementavam através da divisão das tarefas, sem qualquer espécie de dominação de um sexo sobre o outro. Enquanto os homens caçavam, as mulheres coletavam plantas, raízes e frutos para a alimentação do grupo, além de procriar e criar as crianças. Durante esse longo período (-35.000 a -4.000 anos) houve paz na terra.

Na segunda parte do livro, a autora mostra como se iniciou a era do Patriarcado, que ela chama de "UM sem o OUTRO", e que instituiu as relações de poder e dominação entre o homem e a mulher. O sexo feminino passou, então, por um processo de esmagamento social no mundo inteiro, através dos efeitos psicológicos de uma ideologia que legitimava os poderes do pai e do homem sobre todas as criaturas. Durante esse período, o mundo conheceu todos os horrores da guerra, da desconfiança e da discórdia entre os seres humanos, especialmente entre o homem e a mulher.

Mas, a partir da Revolução Francesa, teve início uma nova era, onde os valores da Igualdade, da Liberdade e da Fraternidade, foram criando as condições materiais e psicológicas favoráveis à emancipação da mulher e sua

reabilitação no plano social, moral e político.

O grande salto se dá na terceira parte do livro, onde Elizabeth Badinter, corajosamente, assume os riscos de uma análise projetiva das relações entre os sexos. Fundamentando-se em pesquisas sociológicas e psicanalíticas contemporâneas, ela afirma que as condições históricas criadas pela emancipação da mulher abalaram profundamente os estereótipos sociais que permitiam a identificação dos sexos. Se antes a complementariedade entre os sexos era fundada na divisão das tarefas, como isto fica agora, quando homens e mulheres se revezam em qualquer tipo de trabalho, seja ele considerado masculino ou feminino?

Embora isto seja mais evidente nos países industrializados, é impossível negar que exista, historicamente, uma forte tendência para a semelhança entre os sexos: ou seja, a mulher se viriliza, tornando-se agressiva, independente e apta a tomar todas as suas decisões, inclusive a de ter e criar um filho sozinho. Em troca, o homem se sensibiliza, descobre a "maternagem", assume suas carências e se humaniza.

Ela conclui, pois, que masculino e feminino se mostram, cada vez mais às claras, entrelaçados dentro de cada um. Esta semelhança entre os sexos, essa bissexualidade originária que Freud já havia confirmado há um século, está aflorando numa nova cultura nascente, onde as relações entre homem e mulher são delimitadas pelo reconhecimento e respeito mútuo, porque "UM é o OUTRO".

Mani Álvares é membro do SOS/Ação Mulher de Campinas, SP.

Edward Shorter Le corps des femmes



Controle da Natalidade: a polêmica continua

LEILA VILLAS
jornalista



Conseguirá a Nova República um feito inédito até para os vinte anos da ditadura militar: implantar nacionalmente uma política de controle de natalidade no País? A resposta pode demorar, mas as críticas estão aí e não poupam o governo.



Foto: Antonio Talaris

Enquanto se aguarda novos desdobramentos sobre o polêmico projeto do controle de natalidade, a grande questão que se coloca para a sociedade brasileira parece ser a seguinte: nas intenções demográficas do atual governo de transição, prevalecerá o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) - uma legítima conquista das lutas feministas no Brasil, que contrapõe o planejamento familiar, direito inalienável da população feminina, a ações governamentais que tencionem estabelecer metas populacionais "ideais"? Ou acabará vingando um controle da natalidade afeito às surradas intenções de cunho neomalthusiano, francamente neofascistas, várias vezes ensaiado no País e sob o qual se ocultam interesses estrangeiros e nacionais há décadas em jogo? Vale lembrar que as intenções controlistas, especialmente no Terceiro Mundo, tratam a questão populacional como assunto geopolítico, envolvendo até longínquas considerações estratégicas das superpotências.

Planejamento ou controle

A dúvida entre essas duas questões - planejamento familiar segundo as concepções do PAISM, de um lado; e controle da natalidade, há décadas pretendido por escusos interesses - parece, entretanto, paradoxal: afinal, em plena época de consolidação da chamada abertura democrática, estariam de volta as intenções controlistas?

A julgar, no entanto, pelo que transpareceu da reunião interministerial do Conselho de Desenvolvimento Social, realizada a 19 de janeiro último, pelo menos em parte tais intenções permanecem vivas na equipe governamental. Da reunião, emergiu uma Comissão Interministerial encarregada de "estudar a implementação de uma política familiar" no País, sob a coordenação do ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel. Até o ministro-chefe do Gabinete Militar integraria a comissão, formada também pelos titulares das pastas do Planejamento, Previdência, Trabalho, Educação, Justiça, Interior, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Urbano.

Cada ministro saiu desse encontro com sua própria versão da forma como foi abordado o tema demográfico. Mas, por exemplo, não passou despercebido aos observadores a defesa feita pelo titular do Interior, Ronaldo Costa

Couto, de um programa de "paternidade responsável". Ora, tal conceito, conforme observou o jornalista José de Arimatéia, do jornal "Folha de S. Paulo", é um dos achados do anteprojeto-de-lei elaborado pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a natalidade, instalada em 1983 pelo PDS (governo Figueiredo), com o objetivo de "investigar problemas vinculados ao aumento populacional brasileiro". De acordo com as informações de Arimatéia, esse anteprojeto foi remetido ao então recém-empossado presidente Sarney em abril de 1985, na mesma semana em que morreu Tancredo Neves.

Os resultados (oficiais, em parte) da reunião de 19 de janeiro não tardaram a provocar protestos entre a sociedade organizada. A secretária-geral do Conselho Federal de Medicina, Ana Maria Lipke, imediatamente levantou suspeitas de que o anteprojeto já pode estar sendo gradualmente implantado no país, nos últimos meses, embora ainda não tenha transparecido nenhum decreto ou decisão oficial sobre o assunto. Maria Amélia Telles, da União de Mulheres, e Martha Ariha, do Conselho da Condição Feminina, também protestaram contra o ressurgimento das intenções controlistas.

"Cabe ao Congresso Constituinte discutir essa questão e estabelecer as respectivas o retrizes", opinou, por sua vez, o ex-reitor da Unicamp e secretário de Estado nos governos Montoro e Quêrcia, José Aristodemio Pinotti. Segundo ele, o governo pode estar se deixando enganar nessa questão por "teses e interesses estrangeiros". Ele revela que entidades privadas americanas e japonesas já investiram (segundo dados de alguns anos atrás) 20 milhões de dólares em programas de controle da natalidade no país, principalmente em ações de esterilização masculina e feminina e distribuição de contraceptivos. Nos últimos anos, o controle de natalidade tem sido coordenado no Brasil por duas grandes entidades privadas: a Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar (Benfam) e o Centro de Assistência Integrada à Mulher e à Criança (Cepamc).

Em contraposição, o PAISM

O PAISM, nascido na fase de pré-articulação do governo Franco Montoro, em São Paulo, e posteriormente incorporado, em pleno governo Figueiredo, ao Ministério da Saúde (gestão Waidyr Arcovoverde) parte de um pressuposto inverso ao dos programas de intenção controlista. Ele encara o planejamento familiar como um direito de saúde da população feminina, do qual

deve incumbir-se o Estado e, mais especificamente, seu ministério afim. Segundo o PAISM, a mulher brasileira deve ter acesso, através do Inamps, a toda sorte de informação e assistência sobre o funcionamento de seu próprio corpo, incluindo exames ginecológicos regulares e preventivos de doenças como o câncer. E, nesse contexto, a mulher deve ter acesso ao meio contraceptivo de sua escolha, com vistas a seu bem-estar pessoal e ao de sua família.

"Qualquer tentativa de retirar a questão do planejamento familiar do âmbito do Ministério da Saúde e, mais especificamente, do PAISM, seria um retrocesso", argumenta, de seu lado, a presidente da Comissão dos Direitos da Reprodução (vinculada ao Ministério da Saúde), Elza Berquó, também pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e coordenadora do Núcleo de Estudos de População da Unicamp, e considerada como uma das mais competentes autoridades brasileiras em assuntos demográficos.

Berquó rebate um a um os argumentos de que, para vencer suas crises sociais e econômicas, o Brasil precisa reprimir seus índices de natalidade, chamando, primeiro, atenção para o acentuado declínio da taxa de natalidade nacional, nos últimos anos (uma queda de 19%, entre 1980 e 84). Ela lembra as cuidadosas projeções, segundo as quais, mantidas as atuais tendências, "na virada do século o Brasil terá uma população máxima de 183,5 milhões e um mínimo de 164,5 milhões de habitantes" - o que põe definitivamente por terra a o espectro da superpopulação.

A especialista volta-se para um exemplo ainda recente, para liquidar os argumentos de que o Brasil não se desenvolve econômica e socialmente: "Ainda no início do Plano Cruzado, o desemprego caiu verticalmente e o País se ressentiu da falta de mão-de-obra. Isto é uma evidência de que, em lugar de controle de natalidade, o que falta ao desenvolvimento do País é um modelo político que direcione o modelo econômico, hoje improvisado pelo capitalismo brasileiro periférico e reverso."

Sem citar nomes, Berquó confia em que há no Congresso Constituinte representantes do movimento feminista capazes de colocar corretamente a questão do planejamento familiar, em conformidade com os anseios democráticos da Nação e em repúdio a intenções de "taxas ideais" tão tristemente já ensaiadas por grupos e comissões de população na América Latina.

do abandono infantil

O abandono infantil é um problema antigo na história do Brasil. Surgiu como um recurso para encobrir práticas reprodutivas fora dos casamentos e garantir a sobrevivência de crianças carentes, como até hoje acontece. Nesse mundo marginalizado, a presença feminina é constante.

MARGARETH DE ALMEIDA GONÇALVES

Em tempos coloniais e durante o Império, "exposto" e "enjeitado" constituíam termos empregados na sociedade brasileira para nomear a criança abandonada. "Exposto" e "enjeitado", segundo o dicionário da língua portuguesa de Antonio de Moraes Silva, de 1831, correspondia àquele e/ou aquela que era abandonado(a) na "roda", um aparelho, em geral, de madeira, com formato cilíndrico e que, levado para um local adequado,

favorecia o ocultamento da origem da criança, que exposta na roda perdia seu passado.

associação entre abandono de crianças e amores ilícitos. Os espaços especialmente destinados a acolher crianças visavam, num primeiro momento, absorver os frutos destas uniões. Com o tempo, essas instituições passaram a ser utilizadas também pelos indivíduos das camadas populares que deixavam seus filhos na roda por não possuírem meios materiais de mantê-los, e pelos senhores de escravos que levavam os filhos de suas escravas à roda para não arcar com a criação.

Casa dos Expostos, Depósito dos Expostos e Casa da Roda eram as designações correntes no Brasil para os asilos de crianças abandonadas. Os primeiros asilos surgiram nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro durante o século XVIII. Através desta medida, os "enjeitados" deixaram de ser jogados nos adros das igrejas, nas portas das residências, nas ruas e praças, locais da "caridade pública".

Processos de manutenção

A organização da Casa dos Expostos em 1738 se encaixava no modelo que caracterizava o cuidado com populações "carentes" no Rio de Janeiro. A lógica que presidia essa orientação se coadunava com uma prática caritativo-assistencial, nas mãos das irmandades religiosas. Só a partir de 1778, quarenta anos após sua fundação, a Casa dos Expostos passou a receber da Coroa Portuguesa a dotação de 800\$000 réis anuais. O pagamento das dotações, todavia, se caracterizou pela irregularidade e a sustentação da



Ilustração da Roda dos enjeitados recolhida por Thyrone Endriam

Roda, como de outros estabelecimentos da Santa Casa, prosseguiu mediante doações de particulares.

Entre os segmentos médios e altos

longa e demonstra a importância desse tipo de prática na sociedade da época. A Roda teve vários endereços. In-

Hospital Velho da Misericórdia, mudando-se em 1810 para um prédio na Rua da Misericórdia. Em 1821, foram providenciadas duas casas pequenas nesta mesma rua. Já em 1840, os expostos foram transferidos para uma casa situada na Rua de Santa Tereza e em 1850 para uma edificação na Rua da Lapa, aí permanecendo até 1860, quando foram transportados para a Rua dos Barbons, atual Evaristo da Veiga.

Higiene e Moral

Os sucessivos deslocamentos da Casa denotam ainda, o aumento de crianças abandonadas e a preocupação crescente que então começava a despertar a alta taxa de mortalidade dos "enjeitados" da Santa Casa. As remoções da Roda decorriam de problemas definidos como "higiênicos". Com a transferência se tentava libertar a Casa dos focos de doença que, segundo os administradores e médicos, penetravam nas edificações, atingindo aqueles que as habitavam. As causas estariam nas poucas janelas dos edifícios que impediam a "livre" circulação do ar. O ar, acreditava-se então, era o principal agente na transmissão de doenças quando viciado, produziria fenômenos considerados mórbidos que apareciam com certa regularidade.

A Casa dos Expostos permite uma reflexão sobre um determinado tipo de moral que conduzia as relações familiares. Os asilos de "enjeitados" emergiam na condição de reguladores dos possíveis "desvios" familiares - um lu-

gar para os filhos de uniões ilegítimas, os que não possuíam história, os "sem família". No Brasil, esses estabelecimentos surgiam dentro da estrutura familiar colonial. Os preceitos e as regras que orientavam a organização familiar e que criavam e mantinham estabelecimentos, como a Roda, encontravam no "Cristianismo" seu campo de referências. Para a moral cristã, as práticas reprodutivas estavam restritas aos limites do casamento. A procriação fora do casamento era alvo de repriminação e estava sujeita a sanções, tanto a nível religioso, como social, já que ambas as instâncias tendiam, neste caso específico, a se confundirem.

Por outro lado, a história da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro fornece elementos para a compreensão da posição da mulher e da criança - comportamentos e costumes a elas atribuídos - na sociedade brasileira dos séculos XVIII e XIX. A Casa dos Expostos corresponde a um mundo povoado por mulheres, que recebiam as crianças abandonadas no estabelecimento, e que apareciam no ato de abandono criança, seja ela uma mensageira, mãe ou parente próxima. Por outro lado, a rotina da Casa da Roda era também partilhada por mulheres, livres ou escravas, que cuidavam das tarefas internas.

Margareth de Almeida Gonçalves é pesquisadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados - CESAP - do Conjunto Universitário Cândido Mendes, e mestranda na IUPERJ.



SECRETARIA DO MENOR: NOVIDADE PAULISTA

titular da nova Secretaria do Menor

De São Paulo vem a grande novidade: a criação da Secretaria do Menor, comandada por Alda Marco Antônio, que ocupou a pasta do Trabalho no governo Montoro. Até o momento, o projeto da nova Secretaria está indefinido, mas Alda acredita que será um grande desafio criar uma estrutura capaz de garantir o bem-estar do menor carente e infrator em todo o Estado.

A Secretaria do Menor funcionará como os Conselhos da Condição Feminina, Comunidade Negra, Idosos e Deficientes, que possuem um trabalho conjunto com muitas secretarias. No caso específico da criança, a atuação será mais estreita com a Promoção Social, que deverá continuar trabalhando com o menor, porém, sob a supervisão da nova pasta, encarregada de reavaliar velhos programas e implantar novos.

Ainda de São Paulo, vem uma informação preocupante para confrontar com a boa. Ainda são tentadas soluções institucionais para resolver a questão do menor infrator. Recentemente foi apresentada ao novo governador, Orestes Quêrcia, uma proposta para transferência da responsabilidade do menor, da Secretaria do Bem-Estar Social para a Secretaria da Justiça ou Segurança Pública, o que seria um retrocesso de 30 anos no trato do problema, pois novamente a criança abandonada seria caso de polícia. E pior ainda: São Paulo costuma servir de modelo para o resto do País.

Maratona comemorativa em São Paulo

REGISTRO

Este ano, o Dia Internacional da Mulher, em São Paulo, foi comemorado com uma verdadeira maratona da arte feminina, a começar pela mostra *Homem e Mulher: Desejos, promovida pelo Mulherio e Museu da Imagem e do Som (MIS)*, que apresentou duas pré-estréias: *Vera de Ségio Toledo* e *Camila de Maria Luísa Bemberg* (ver crítica neste número), além de 52 curtas e vídeos produzidos, em sua maior parte, por mulheres.

O aumento do número de realizadas em vídeo decorre de dois fatores principais: disseminação das idéias feministas que abriram espaço para este tipo de produção e o endosso econômico de instituições, como o Conselho Estadual da Condição Feminina, da Coordenadoria Mulher e Cultura (Minc) com apoio da Embrafilme e Fundação Carlos Chagas, através do concurso de pesquisa sobre a mulher, em sua quarta fase.

O Sesc Fábrica Pompéia comemorou o 8 de março através do "Projeto Cunhantã", que mostrou o que existe "na Aldeia das Mulheres". Reuniu intérpretes famosas, como Ângela Maria, Cláudia e Marliu Miranda, e novos grupos femininos de música e dança. E no ano de Villa Lobos, o Museu de Ar-



Mulheres comemoram 8 de Março com um protesto em São Paulo

te de São Paulo (Masp) abriu a série "A Mulher na Música Brasileira", trazendo a obra de Chiquinha Gonzaga, Thereza Lara, Dolores Duran e outras importantes compositoras.

Fôlego ainda maior teve o Centro Cultural São Paulo (CCSP) que manteve o projeto "Criação Mulher" até 31 de março. Além de ampliar o espaço para a arte feminina para quase um mês, a coordenação de eventos do Centro resolveu garanti-lo, inserindo o projeto no seu calendário oficial. "Até então, esse tipo de evento era considerado de exceção", diz Aurea Figueira, supervisora de eventos, "estando, portanto, ameaçado de não continuar nos próximos anos". Na maratona artística do CCSP estiveram envolvidas cerca de cem mulheres, entre atrizes, escritoras, cantoras, cineastas, cartunistas, pintoras e bailarinas.

O projeto "Criação Mulher" vem

sendo para as organizadoras um grande teste, na medida que não possui similar no Centro Cultural, e é uma contribuição à arte feminina, por ter levantado um cadastro das artistas de São Paulo em oito áreas diferentes. Ao que Issa Sepp, também supervisora de

eventos, completa: "Todas as mulheres convidadas tiveram grande interesse em participar do projeto - da cartunista famosa à designer de luminária com atuação mais restrita - demonstrando que produção existe, o que falta é espaço."

A nota triste na comemoração do 8 de março em São Paulo ficou por conta do prefeito Jânio Quadros, que proibiu as mulheres de realizarem qualquer manifestação na Praça da Sé, como há anos vem acontecendo nesta data, prometendo acionar a Guarda Civil Metropolitana - sem poder de polícia, mas responsável pelas áreas municipais. A repressão não aconteceu e a comemoração virou protesto contra o chefe do Executivo paulista, atualmente criticado por ter aumentado as passagens de ônibus em 233% no primeiro ano de sua gestão. (S.S.)

Na próxima edição, uma panorâmica do 8 de março em todo o País.

Mais repressão no Chile

As mulheres chilenas foram para as ruas novamente no Dia Internacional da Mulher para pedir o fim do regime militar de Pinochet, que governa o país com mão de ferro desde setembro de 73, depois de derrubar o presidente Salvador Allende com um sangrento golpe. As chilenas reivindicaram também o fim do exílio e a eliminação de todo e qualquer tipo de discriminação contra as mulheres.

A manifestação em Santiago, promovida pela Frente Ampla de Mulheres e Coordenação de Mulheres pela Vida, foi reprimida com violência pela polícia que usou cassetetes e gás lacrimogêneo, deixando um saldo de 100 manifestantes presos e dois gravemente feridos. O movimento de mulheres no Chile, através dessa mobilização, mostrou que é uma das mais sólidas resistências contra a ditadura chilena.



IV CONCURSO DE POESIA E CONTO

"MULHERES ENTRE LINHAS"



Há três anos o CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA/SP e a Secretaria de Estado da Cultura vêm dando a maior força para que as mulheres revelem a contista ou a poeta que levam dentro.

O IV CONCURSO DE POESIA E CONTO "MULHERES ENTRE LINHAS"

- destinado exclusivamente a escritoras inéditas - volta este ano para descobrir novos valores femininos no Estado de São Paulo.

Escreva a sua obra, mostre todo o seu talento, garra e vocação. Só você sabe o que vive e o que sente. Mostre-se.

Prêmios:

- 1.º lugar: Cz\$ 7.000,00.
- 2.º lugar: Cz\$ 5.000,00.
- 3.º lugar: Cz\$ 3.000,00.

INSCRIÇÕES: 25 de março

a 15 de abril de 1987.

LOCAIS DE INSCRIÇÃO

Na Capital:

- Secretaria de Estado da Cultura. R. Libero Badaró, 39, 5.º andar - DACH.

No Interior:

- Delegacia Regional de Cultura de Santos. Praça dos Andradas, 01 - CEP 11100.
- Delegacia Regional de Cultura de São José dos Campos. R. Adhemar de Barros, 185 - CEP 12200.
- Delegacia Regional de Cultura de Sorocaba. Praça Frei Baraúna s/n.º (Ant. Ed. Fô-

rum) CEP 18100.

- Delegacia Regional de Cultura de Campinas. R. General Osório, 490 - CEP 13100.
- Delegacia Regional de Cultura de Ribeirão Preto. R. Barão do Amazonas, 1.550 - CEP 14100.
- Delegacia Regional de Cultura de Bauru. Praça das Cerejeiras, 3-48 - CEP 17100.
- Delegacia Regional de Cultura de São José do Rio Preto. Praça Jornalista Leonardo Gomes, 01, 4.º andar - CEP 15100.
- Delegacia Regional de Cultura de Presidente Prudente. Av. Coronel Marcondes, 1.140, 4.º andar - CEP 19100.
- Delegacia Regional de Cultura de Marília. Av. Nelson Spielman, 593 - CEP 17500.
- Delegacia Regional de Cultura de Araraquara. Av. Espanha, 188, 2.º andar - CEP 14800.

Sistema de Terapias Integradas

HOMEOPATIA - ASTROLOGIA MÉDICA
PSICOTERAPIA ANALÍTICA E CORPORAL.

ADULTOS E CRIANÇAS

PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS

Dr. Cláudio Luiz N. Guimarães dos Santos, médico formado pela Escola Paulista de Medicina - CRMESP 47588

Dr. Felipe S. Wellausen, psicólogo, formado pela OSEC - CRP 06/22.689

O Sistema de Terapias Integradas baseia-se no princípio de que o ser humano real, o paciente que nos procura, é uma unidade indecomponível, e, como tal, deve ser encarado na saúde e na doença. Além de uma totalidade, nosso paciente é também um indivíduo com características peculiares, desde a infância até a fase adulta.

Diante disso, o Sistema de Terapias Integradas visa à atenção global e individualizada, com o intuito de conduzir o paciente de estado de desequilíbrio para o estado de harmonia de todas as suas funções, ou seja, para o estado de saúde integral.

Nossos procedimentos diagnósticos e terapêuticos fundamentam-se em múltiplos enfoques combinados entre si conforme a necessidade de cada paciente. No

caso específico do processo terapêutico, este se fará através de uma dupla abordagem - medicamentosa e psicoterapêutica. A abordagem medicamentosa se concretizará com o uso de procedimentos da medicina homeopática, bioterápica e fitoterápica.

As técnicas psicoterapêuticas, que comporão a outra parte do Sistema de Terapias Integradas, consistirão de diversos procedimentos entre os quais podemos citar a Psicoterapia Analítica, a

Psicoterapia de Base Astrológica (fundamentada no estudo e interpretação do mapa astrológico de cada paciente), a Massagem Bioenergética, a Ludoterapia, a Arteterapia, a Musicoterapia e outras.



NOSSO ENDEREÇO: Rua Dr. Álvaro Alvim, 146 - Vila Mariana - S. Paulo - SP - Brasil - Fone: (011) 544-3156

Constituinte, em compasso de espera

POLÍTICA

O primeiro mês da Constituinte não apresentou nada mais do que uma lacônica atuação dos parlamentares em busca da definição do regimento interno. A deputada federal Benedita da Silva, a Benê (PT-RJ), uma das poucas mulheres que ocupou a tribuna com sucesso, explica a lentidão dos trabalhos. "Estávamos tentando impedir a votação do regimento que colocava em risco a soberania plena da Constituinte." No entanto, a manobra de resistência do PT, PDT e PC do B acabou derrotada com a aprovação de um regimento que não permitirá à Constituinte propor mudanças na Carta atual, ficando apenas com um prêmio de consolação: vetar medidas que comprometam seu funcionamento.

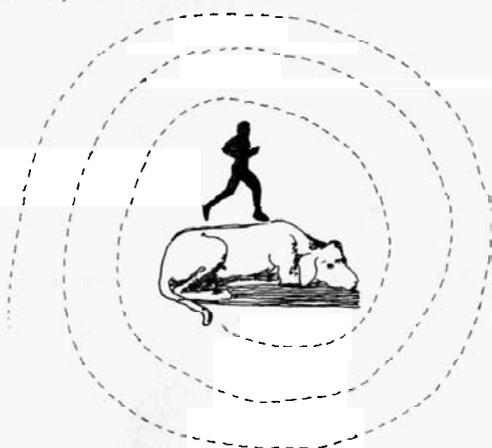
A aprovação do regimento implica também o comprometimento das eleições diretas para a presidência da República, pois deve reforçar a tese do "direito adquirido" do presidente José Sarney para manter-se no poder por seis anos, como estabelece a atual Constituição. "A definição do prazo do mandato presidencial", lembra Benê, "não pode ficar restrita a um acordo particular entre o PMDB e o PFL. Os pequenos partidos, como o PT, com uma bancada de 16 deputados, estão no páreo, pois representam uma força política respeitável". Na tentativa de bloquear mais esse ato autoritário da Nova República, Benê argumenta que seria fundamental que o PMDB entendesse que sua aliança com o PFL existe para dar sustentação ao governo, e não à Constituinte.

Outras indefinições pairam sobre o Congresso Constituinte. É o caso das comissões e subcomissões, ainda em formação. Para Benê, elas deveriam ampliar o espaço para discussões. "Por outro lado", ressalta, "as nove comissões formadas estão sobrecarregadas, o que pode resultar no cerceamento de algumas matérias importantes". Já nas subcomissões, Benê espera que seja possível garantir que questões importantes consigam avançar, independentes do continuísmo.

Mulheres na Constituinte

No primeiro mês do Congresso Constituinte, as mulheres tiveram uma atuação tímida, segundo Benê. A única movimentação em conjunto das parlamentares, ironizada pela imprensa, foi a briga pelos gabinetes do anexo IV, que possuem banheiros. "As

O saldo do primeiro mês da Constituinte não foi dos mais positivos. As mulheres tiveram uma baixa, com a saída de Bete Mendes que assumiu a Secretaria da Cultura em São Paulo, mas atuaram conjuntamente na disputa por gabinetes e ganharam um destaque na tribuna: Benê.



Benê: "Existe expectativa de que as constituintes defendam os direitos das mulheres."

mulheres engravidam e menstruam", observa Benê, "e o Congresso tem uma arquitetura machista que não leva em conta essa diferença biológica. No plenário não tem banheiro para mulheres, e os que existem são em número reduzido e colocados nos piores lugares". E conclui: "O mesmo problema apontado por muitos como insipiente se repete nas Câmaras Municipais e Assembleias Legislativas de todo o País, refletindo uma realidade que precisa ser mudada."

Depois de instaladas, a briga das mulheres no plenário não reflete mais unicidade. "Temos ideologias diferen-

tes", salienta Benê, "representamos, por conseguinte, interesses políticos diversos. Porém, todas demonstram preocupação com a problemática da mulher e divergem mesmo é na estratégia a ser utilizada. Para algumas, a questão deve ser colocada de imediato nos trabalhos constituintes; para outras demanda um certo amadurecimento, que virá através da introdução de outras matérias". Benê estreou na tribuna sem sofismas, dizendo a que veio: "Na defesa das mulheres, dos negros e dos favelados." Não faltaram aplausos, que ela justifica como sendo o reconhecimento de um trabalho fraterno, fortalecido por uma postura ideológica firme. Seguindo a deputada petista, muitas mulheres ainda não assumiram definitivamente seu mandato, temendo a pecha de serem chamadas de deputadas que só conhecem problemas de mulher. E faz uma ressalva: "O novo é a defesa da especificidade, acredito mesmo que as mulheres constituintes serão cobradas na defesa deste ponto, pois essa é a expectativa da sociedade. As mulheres precisam arriscar politicamente, sair do impacto deste novo mundo parlamentar e impor sua presença e propostas."

A despeito de toda boa intenção e trabalho solidário entre as mulheres, no entender de Benê a nova Constituição não deve avançar muito. "Estamos procurando fazer o melhor possível", afirma, "garantindo direitos políticos e sociais, mas não há como negar a correlação de forças que não permite ao bloco progressista muitas vitórias. Ao final dos trabalhos constitucionais, que estão apenas no começo, acredito que teremos uma Constituição democrática e justa". Para isso, Benê espera contar com a pressão organizada dos movimentos populares, uma força capaz de deter o rolo compressor dos grandes lobbies políticos e econômicos. (S.S.)

A mobilização continua

A Constituinte de 87, dependendo da mobilização das mulheres, poderá obter vitórias mais significativas do que a composição parlamentar poderia indicar. A candidatura das 26 mulheres reduzidas para 25, representa, em certa medida, o avanço do movimento de mulheres. Não que elas sejam feministas ou tenham vínculos com os movimentos de mulheres, mas é interessante constatar que, pare as eleições de 86, todos os partidos políticos, sejam de esquerda, direita ou centro, se viram na obrigação de lançar candidaturas femi-

nas. Será lição de Ulysses Guimarães, atual presidente da Constituinte e Câmara dos Deputados? Em 1983, no 1.º Encontro Nacional das Mulheres do PMDB, em Belo Horizonte, o deputado disse com toda sua sinceridade machista: "Quando um político me pede um conselho, digo logo: ponha a mulher no seu discurso."

A coisa é por aí. Os partidos políticos perceberam que o movimento de mulheres cresceu e que é significativa a participação feminina em associações de moradores, comunidades eclesiais de base e outros bons redutos eleitorais. Para as últimas eleições, era vital "conquistar" o voto das mulheres. Elas precisavam ser chamadas não só para assessoras e cabos eleitorais, era preciso também lançá-las aos cargos executivos. Portanto, não é falacioso concluir que muitas mulheres foram eleitas pela força do movimento de mulheres e penetração das idéias feministas. Evidentemente essas candidatas tinham seus partidos, apoios diversos, mas se não houvesse a força e aceitação do novo papel da mulher na sociedade, essa vitória não seria tão signifi-

cativa. As mulheres sabem o que desejam da nova Constituição. Prova disso é a longa trajetória de lutas destes anos todos. A "Carta das Mulheres à Assembleia Nacional Constituinte" é o resultado de inúmeras discussões e encontros, sintetizada em Brasília, no ano passado, e que poderá ser um dos instrumentos de trabalho durante a elaboração da nova Carta. O mês de março, quando se comemora o Dia Internacional da Mulher, foi o momento importante na preparação deste trabalho. Nesse sentido, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) promoveu uma ampla campanha publicitária e preparou, no dia 18 de março, o lançamento simultâneo, em todas as Assembleias Legislativas do País, da "Carta de Brasília", entregue dia 26 último aos constituintes. As interessadas podem obter o texto da Carta no CNDM - Ministério da Justiça, Edifício Sede, sala 458, Esplanada dos Ministérios, Brasília - DF, CP 70064.

Nair Barbosa Guedes

CIM
CENTRO
INFORMAÇÃO
MULHER

Atendimento, Informação, Documentação
sobre a Mulher.
A venda Catálogo com 2.000 referências
bibliográficas sobre nosso acervo.

Cx. Postal 11.399 CEP 05499 - SP
Tel.: 011/229-4818

Júlia Lopes de Almeida

Autora de mais de vinte volumes abrangendo romances, contos, crônicas, estórias para crianças, impressões de viagens, livros de formação moral e peças de teatro, lida e relida em seu tempo, uma de suas crônicas, **Reflexões de um marido**, serviu como inspiração para a peça **O Dote**, de Artur de Azevedo, elogiada pela feminista radical, Ercília Cobra, Júlia Lopes de Almeida é considerada por alguns estudiosos como o ponto alto do realismo brasileiro, nada devendo no confronto com Aluísio de Azevedo, sendo a maior figura entre os romancistas de sua época, seja pela extensão de sua obra seja pela longa vida literária de mais de 40 anos.

Natural do Rio de Janeiro, Júlia nasceu em 1862, ano do início da publicação daquele que é considerado o segundo jornal feminista do País, **O Belo Sexo**. Morou alguns anos em Campinas, interior de São Paulo, onde iniciou suas atividades literárias. Ainda pequena, surpreendida pela irmã fazendo versos, implorou para que nada fosse dito ao pai, temendo uma repreensão. Reconhecido, porém, seu talento, foi por ele incentivada, iniciando assim sua colaboração na imprensa. Casada com o jornalista e escritor Filinto de Almeida, com quem teve quatro filhos e dividiu a autoria de alguns trabalhos, era considerada dona-de-casa exemplar, pois só se dedicava à literatura **quando o marido não estava em casa**. Tendo vivido mais de 70 anos, Júlia Lopes acompanhou muitas das transformações da sociedade brasileira no final do século. Abolicionista, preocupada com a educação da mulher, pertenceu à Legião da Mulher Brasileira, ao lado de Bertha Lutz, participou do II Congresso Internacional Feminista e das reuniões organizatórias da Academia Brasileira de Letras, ficando, no final, do lado de fora. Morreu em 1934. (MLBM)



Fotografia de Celia Souza



Fotografia de Ercília Cobra



Fotografia de Ercília Cobra

In extremis

Estás pronta, Laura? perguntou o doutor Seabra entrando no quarto de **toilette** da esposa.

— Estou... só me faltam as luvas... como me achas?

— Linda!

Ele não mentia, a mulher parecia-lhe ainda mais formosa e mais fresca com o seu vestido azul-claro, muito leve e o chapuzinho de rendas finas bem pousado na cabeça:ra loira, de ondas largas. Ela sorriu, contente, pulverizando-se com **white rose**; claro ele franziu as sobrancelhas grisalhas, percebendo, através da carnção delicada da sua mulherzinha um íntimo estretimecimento de vaidade satisfeita.

— O carro está na porta? perguntou a moça com modo distraído, mirando-se toda num grande espelho e a passar, num último toque vaporoso, o pompom de **veloutine** pelo pescoco branco e perfeito.

— Está... e lá tens o ramo de rosas que pediste...

— Como és bom!...

— Hoje as corridas devem ser muito animadas? O tempo está lindó!... Levas a pequenina?

— Não. Mamãe toma conta dela, lá a marido para lá... Seabra? Estou hoje com tanto leite!... tenho medo de manchar o vestido... que vergonha se...

— Escúta, interrompeu ele, antes de irnos para o **Darby**, parece-me que deveríamos entrar um pouco em casa do Bruno Tavares...

O doutor Seabra sentara-se atrás da mulher e contemplava-a no espelho, com olhar perscrutador e vigilante. Viu-a estremecer; fez uma pausa; ela suspendeu o pompom, à espera da conclusão. Ele acabou por fim.

— O Bruno está muito mal... creio mesmo que não escapará!

Laura voltou-se, muito pálida, com os olhos esgazoados e os beiços trêmulos. O marido baixou o olhar, entristecido. Havia muito tempo já que ele sabia quanto amor a esposa consagrava ao Bruno. O seu ciúme de marido não explodira nunca, mas concentrava-se, cada vez mais amargo, no fundo do coração. O outro era moço, ele já se avizinhava da velhice; o outro era um sonhador, um idealista, simpático à imaginação ardente de Laura; ele era um homem de ciência, materialista,

descrente, já sem forças para encantar ninguém. Conhecia, estudava sem trêguas o espírito e o coração da mulher e confiava nela.

Laura era honesta, dedicada, e apafava com ânimo forte o seu amor pecaminoso, nas **dobras** de um manto de virtude e de sacrifício. Ele sabia que o Bruno não se declararia nunca, mas que, o que os lábios calavam repetidamente, diziam o olhar, a sua pele quente, o som de sua voz moça e o arrêto da sua fantasia de apaixonado!

Quantas vezes o doutor Seabra, fingido ler os seus livros de estudo, auscultava de longe aqueles dois corações, que se conservavam ali, um em frente do outro, mudos e ternos, enquanto as bocas falavam de poesia e de flores, de luar e de música, de aves e de estrelas, de tudo que brilha, que alegria, que entusiasmo e que une as almas apaixonadas.

Eles iam juntos, contavam-se cenas da infância, alegremente, com interesse mútuo, e o doutor Seabra passava as páginas secas do seu livro tremulamente, com os olhos úmidos e o coração pesado. Tinha medo de intervir, calava os seus receios, esperando sempre uma solução ou um modo de levar a sua Laura para outras terras, sem mostrar o seu zelo, com vergonha de parecer ridículo ou de ofender a esposa. Ela era trêfega, graciosa, mas firme. Mesmo naquele dia, ele compreendia bem que toda a sua graça, todo o seu perfume, toda a sua feminileza se dirigiam ao outro, que esperava encontrar nas corridas, na arribancada.

— Era para o outro a doçura do seu ramo de rosas, o mimo das suas rendas finas, e colorido brando da sua **toilette** primaveril. Voavam para o outro todo o seu pensamento, toda a sua vontade, toda a sua alegria.

Laura continuava pálida, suspensa.

— Quem me disse isto foi o médico; continuou o marido. Como a amiga de família lembrei-me que desajuraria talvez a lá...

— Sim, já nos dois, vimos!

Desceram. O dia estava enlêndido, passavam charcos cheios de moças para as corridas. Sorria o sol, doirando o espaço, e o rumor de um domingo festivo alegrava as ruas.

Laura sentou-se muito calada, apertando nas mãos com desespero o seu ramo de flores. O marido sentia-lhe a dor através do silêncio e do olhar parado de quem vê fantasmas...

Tinha pena dela, dessa pobre amante virtuosa, sonhadora e casta. Falcia-lhe a coragem de perturbar-lhe a mágoa e o pensamento com uma palavra ou um simples

gesto.

Aquela piedade singular enchia-o de pasmo, e ele mesmo!

Ela parecia-lhe agora um pouco sua filha, embora a adorasse como mulher! Era tão moça, tão inexperiente, mas tão meiga, tão dócil, que se julgava com o supremo direito de a conduzir com carinho, na solidude amável de um pai. Compreendia a firmeza do caráter da moça, sabia que ela preferia morrer a enfiar-se grosseiramente e que toda a sua paixão pelo Bruno era feita de imaginação e de sonho!

A culpa não era deles, mas sua, que já tinha cabelos brancos, as falas amortecidas e o espírito inquietado por atribuições diferentes.

A morte daquele pobre rapaz era um alívio para o seu coração. Desaparecido ele, teria morrido a causa do seu ciúme amargo e irremediável. Laura continuaria por longo tempo a amar-lo nas suas orações, através das estrelas; mas o tempo vira sossagadamente atenuar-lhe as saudades... e tudo acabaria em doce paz. Se o outro não succumbesse... ele então arrastaria a esposa para bem longe, sem que ela desconfiasse porque, temendo, entretanto, a luta e sendo descrente da vitória.

Sentia que o pensamento dos dois unia-se sempre através das distâncias, arrastados pelo mesmo ideal, pelo mesmo ardor e pela mesma esperança! Sim, só a morte, a morte bendita, poderia cortar com as suas asas língas aquele amor nascido...

Quando o carro parou, Laura desceu sem esperar auxílio e correu para a casa do Bruno. Dentro havia um silêncio triste, um ar de tumulo...

A mãe do moço apareceu-lhe chorando. O filho desenganado pelos médicos; e descrevava os horrores da febre que o levava assim, rapidamente.

— De mais a mais ele nega-se a todo alimento, diz a pobre senhora, só consegue tomar leite...

Os médicos mandam-no tomar leite de peito, tenho chamado amas, umas não querem dar-lhe o seio, outras recusam-se a tirar o leite com a tumba! E o meu filho morre... meu filho morre!

Laura olhou para o esposo; conservaram-se mudos um em frente ao outro. A dona da casa levou-o por fim para o quarto do doente.

O moço, enterrado entre as dobras dos lençóis, parecia dormir se não movesse continuamente os lábios muito secos. Exalava-se de todo o seu corpo um calor

intensíssimo de febre. A irmã mais velha julgava-o sófocamente, sentada ao pé do leito.

— Já veio a ama, mamãe? perguntou ela com voz chorosa.

— Ainda não!

Bruno não abriu os olhos, mas uma ligeira contração arrepanhou-lhe as faces. O doutor Seabra estremeceu. Parecia-lhe a morte! Laura voltou-se de novo para o marido, com o rosto transformado e o olhar interregado.

— Ele vaciou um momento; depois fez-lhe um sinal afirmativo, muito vago, quase imperceptível!

A moça ajoelhou-se rapidamente e desabotou com os dedos nervosos e tateantes o seu lindo vestido de seda azul-claro. O marido curvou-se, trêmulo, com as narinas dilatadas e o coração oprimido; arrependido do seu consentimento, ia talvez dizer — não! mas Laura tirara o seio tumido, branco, onde as veias ardiam, ténues fios azulares e encostava o fogo róseo à boca ardente e seca do moribundo.

Ela, muito curvada, encobria a meio o busto do enfermo, ele espôla o leite à largos traços, sofredamente, descerrando a pouco e pouco os olhos.

A comação de Laura era imensa! Salvar o seu amor, o seu amante-sonhado, a sua esperança, com o leite da sua carne, o sangue da sua vida, era um gozo de inextinguível docura! Não era a voluptuosa paixão sensual que vibrava no seu corpo frágil de mulher moça, mas uma piedade, uma ternura que lhe alagava a alma; de tal jeito que a fazia amar agora o moço, como uma mãe adora o filho pequenino...

Ele abriu completamente os olhos; reconheceu a... houve um sorriso entre ambos, um clarão de verdade! Mas a febre exigia mais leite e ele continuou a chupar com sofredorido a carne da mulher que nem um sonho profanara nunca, dando-lhe com o olhar tudo que tinha sempre calado — que a amava... que a amava!... até que a prostração veio de novo cercar-lhe as pálpebras e que ele adormeceu profundamente, sem contrações, com um sorriso de paz nos lábios satisfeitos... Laura escondeu o seio, trêmula e feliz...

Só o doutor Seabra compreendeu que aquele sono do moço era o último, e foi com piedade e comação que viu Laura levantar-se e dizer-lhe, toda dele, atirando-se aos seus braços, com ar vitorioso e sincero:

— Obrigada, meu querido... como tu és bom!

OS CAMINHOS DA IMPUNIDADE

SANTAMARIA SILVEIRA

Nos dois últimos anos, 29 mulheres foram assassinadas em conflitos de terra, segundo o relatório da Coordenadoria de Conflitos Agrários, ligada ao Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (Mirad) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Não entanto, esses dados estão bem longe da realidade, já que foram levantados apenas com base em denúncias recebidas através de cartas individuais, manifestos de entidades sindicais e associações ligadas aos trabalhadores rurais.

Como o próprio relatório reconhece, sua finalidade está mais próxima da denúncia do que do encaminhamento dos casos para uma solução judicial. Se isso não bastasse, em fevereiro, a Coordenadoria praticamente fechou com a saída de seus integrantes, que protestavam contra a falta de apoio político e de infra-estrutura para desenvolverem em seu trabalho, atualmente reconhecido por diferentes movimentos sociais. Além do impasse da Coordenadoria, a lentidão com que a reforma agrária está sendo tocada no País também ajuda a acirrar as tensões no campo, onde existem 204 milhões de hectares de latifúndios improduti-



Chauvin Peronzi/Agência

Campo sem lei

VIOLÊNCIA

No campo, jagunços e policiais já mataram 29 mulheres em conflitos de terra, gerados pela falta de uma reforma agrária. Nas cidades, a violência também cresce sob o abrigo da lei, que permite aos assassinos e estupradores total impunidade.

Nos conflitos de terra, as mulheres são os grandes alvos

vos e 10 milhões de famílias sem terras.

Grande parte da violência que recai sobre as mulheres na área rural visa descobrir o paradeiro dos chefes da família. Elas conhecem a intimidação, ameaça de morte, sequestro de filhos, coronhadas, socos e pontapés. O depoimento de Luzia Rezende dos Santos na sede do Sindicato de Trabalha-

dores Rurais de Pontes e Lacerda, no Mato Grosso, deixa bem claro a violência impune. Chegaram em seu sítio 23 policiais armados de fuzis e metralhadoras e um delegado, exigindo aos gritos que ela informasse o paradeiro do marido. Primeiro o delegado a intimidou com palavras, depois ameaçou colocar fogo na casa, levar seu filho e, por fim, a esmurrou nos rins. A luta pela posse da terra já fez de janeiro de 85 a novembro de 86, cerca de quatrocentas viúvas e dois mil órfãos que, depois de expulsos da terra, passam a viver da mendicância nas periferias das cidades.

Desarmamento e violência sexual

O desarmamento no campo, iniciado depois da morte do padre Josimo, também vem sendo motivo para mais violências e impunidades. Um caso típico foi vivido por Maria de Carvalho, no povoado de São Miguel, Goiás. A polícia obrigou-a a arrancar e guardar dentro de casa uma cruz dedicada ao filho morto, ficando os policiais com a placa da homenagem. E, segundo relato do Comitê das Mulheres do PT-GO, "em todos os povoados onde foi feito o desarmamento, as mulheres viram suas casas invadidas sem licença, tiveram de procurar armas que não existiam, levaram bofetadas e foram obrigadas a ceder parte dos mantimentos aos policiais. Em algumas casas levaram tudo, deixando a família com fome".

A violência sexual contra camponesas também é comum e impune no Brasil. Um trabalhador rural, que prefere se identificar apenas pelas iniciais

M.J. denuncia Divino Brechor, proprietário de um garimpo em Araguaína, Goiás. "Ele contratou pistoleros para dizimar famílias com concessão de terra", afirma M.J. "e estupro milha filha, como é de seu feitio, comprometendo também sua saúde com uma aborta mal feito". Divino dispensou o trabalho de M.J. e colocou jagunços no seu encaicho, motivo pelo qual ele não quer se identificar.

A violência sexual no campo não conhece qualquer limite. No povoado de Praia Chata, Goiás, uma mulher de mais de 60 anos foi sequestrada, o que provocou uma revolta local, e na região do rio Tiquê, Amazonas, têm-se verificado agressões sexuais contra mulheres indígenas com a participação de mais de trinta homens. Outro grave problema é verificado na comunidade brasiguaiá, pois é muito comum soldados e civis paraguaios invadirem a casa de brasileiros e raptarem suas mulheres e filhas, que são trazidas depois de alguns dias e ameaçadas de prisão, caso resolvam fazer qualquer denúncia.

Para desmentir as autoridades policiais de que é difícil localizar os jagunços que agem impunes no sertão, aconteceu recentemente um caso exemplar no Sul do Pará, região de continuados conflitos fundiários. Ali, a freira Adelaide Maolinari foi assassinada por um pistoleiro conhecido por Zé da Bomba. A chegada de um novo delegado, não conivente com as malhas da impunidade, deflagrou a prisão do assassino que continuava andando pela região há um ano, sem ser molestado. O caso, porém, ficou incompleto. O mandante do crime, o latifundiário Aloísio Vieira, não chegou a ser chamado para depor.

Deputadas cobram Mirad

No dia 25 de fevereiro último, compareceram ao gabinete do ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (Mirad), Dante de Oliveira, sete deputadas convidadas para a mostra do vídeo *Mãe Terra* sobre a realidade da trabalhadora rural, produzido pelo Mirad e dirigido por Lúcia Umbelino, da Comissão de Apoio à Mulher Trabalhadora Rural do próprio ministério.

Antes da apresentação do filme, as deputadas, entre elas Irma Passoni (PT-SP), Benedita da Silva (PT-RJ), Maria Abadia (PFL-DF) e Rita Camata (PMDB-ES), abordaram Dante de Oliveira sobre o andamento da reforma agrária e os rumos da Coordenadoria. Em resposta a Irma Passoni sobre a saída da equipe, o ministro respondeu o seguinte: "Durante dois anos essa equipe funcionou como antena receptora dos conflitos, sem que, nesse período, o Mirad conseguisse atingir o pretendido nível médio de trabalho. Acredito que isto

deixou a equipe angustiada. Eram pessoas dedicadas, que trabalhavam com amor e cuja atuação resultou em um vínculo direto com os movimentos sociais. Ocorre que, só após a saída da equipe, é que atentamos para o fato de que a Coordenadoria não era formalizada dentro da estrutura do Mirad, ou seja, não existia oficialmente".

Indagado se o Mirad endossava as três mil denúncias de situações de conflitos de terra recebidas pela Coordenadoria, Dante de Oliveira disse que "pelo menos 80% daquelas denúncias foram acatadas pelo ministério, sendo catalogadas". O ministro afirmou também às deputadas que não apenas havia oficializado a Coordenadoria, como também havia criado uma nova equipe, comandada pela economista Irma Sátiro, ainda sem nomeação publicada no *Diário Oficial*.

Verônica Silveira

Proteção aos assassinos

Se no campo, a violência goza de total impunidade, nos limites urbanos adquire um tom de hipocrisia legal. A última prova disto é o habeas corpus concedido a Ricardo Peixoto Sampaio, principal acusado do assassinato de Mônica Granuzzo, espancada e atirada do 7.º andar de um edifício próximo à Lagoa, no Rio, ano passado. De nada valeram os apelos ao procurador-geral da República, José Paulo Sepúlveda Pertence, para que usasse a vocatória - recurso que revê decisões injustas que indignaram a opinião pública, e ao ministro da Justiça, Paulo Brossard, responsável pela falida Cruzada Contra a Violência. "Senti-me desrespeitada quando soube que Ricardo estava solto", comenta Marieta Granuzzo, mãe de Mônica, que completaria no dia 7 de março, 16 anos. A mesma indignação demonstrou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher em nota oficial e a sociedade civil, que promoveu uma passeata de protesto no Rio, liderada pelo SOS-Mulher, seguida de um enterro simbólico da Justiça, que na pessoa do desembargador Dêcio Itabaiana concedeu o habeas corpus a um assassino, numa burla à hierarquia judicial, já que instâncias superiores o haviam negado.

Com esse habeas corpus começa a se estabelecer uma cumplicidade perigosa entre a polícia e a justiça. Depois de não conseguir provar a tese de suicídio, a polícia carioca optou por laudos técnicos inverossímeis, desvio e perda de provas e não indiciamento de testemunhas-chaves. E o que era suspeita de corrupção ficou provado, quando o perito Sérgio Leite do Departamento de Polícia Técnica, denunciou, em fevereiro último, fraudes no caso Mônica Granuzzo e Alexandre

Von Baumgarten. Agora, só falta o Supremo Tribunal Federal acatar o recurso do advogado de Ricardo, que solicita a nulidade do processo, alegando falhas de denúncia do Ministério Público.

Volta à tona

Quem duvida que os caminhos da impunidade no Brasil são longos, não deve esquecer os crimes que a comissão pública resgatou do anonimato, e que voltaram à tona o ano passado. Na verdade, eles encabeçam uma lista

difícil de calcular, já que a estatística policial, além de ser manipulada pelos interesses de momento das Secretarias de Segurança, não retratam a realidade no seu todo, pois muitos assassinatos não chegam a se tornar ocorrência policial.

Um dos assassinos que voltou aos noticiários foi Michel Frank, filho do empresário Egon Frank, proprietário da fábrica de relógios Mondaine, que fugiu do Brasil facilmente depois de enforçar e jogar do penhasco do Chapéu dos Pescadores, no Rio, Cláudia Lessin Rodrigues, juntamente com o cabeleireiro George Khour. Em dezembro último, Frank foi preso na França, acusado do tráfico de drogas, o que deve lhe render dez anos de prisão, uma vez que a Justiça francesa demonstra ser mais séria. O Brasil formalizou um pedido de extradição, ainda sem resposta, mas que deve ser negativo, pois o País não possui um tratado nesse sentido com a França.

Outro crime impune que voltou a ser lembrado no ano passado foi o de Ana Lídia, de 7 anos, violentada e mutilada em Brasília, em 73, por um grupo de rapazes liderados por Alfredo Buzaid Júnior, filho do ex-ministro da Justiça e ex-chefe da censura. Tudo começou quando alguém viu Buzaidinho passeando pela Europa. Uma surpresa. Ele deveria estar num cemitério de São Paulo, para onde foi levado após sofrer um acidente fatal de carro no interior do Paraná. A polícia exumou o corpo, mas o caixão tinha sido violado e o trabalho de identificação acabou prejudicado. Na dúvida, fica o registro de que o ex-ministro da Justiça, Armando Falcão, proibiu a divulgação de qualquer

notícia sobre o caso Ana Lídia, sem nenhuma conotação política, durante os anos da ditadura militar.

A partir da constatação de que não há justiça para as vítimas fatais, fica ainda mais evidente o tratamento de tolerância dispensado aos outros tipos de violência contra a mulher, como o estupro. Apesar de as estatísticas comprovarem que, na maioria dos casos, os estupradores são reincidentes, eles continuam a ser detidos apenas quando presos em flagrante. Tanto que na 1.ª Delegacia da Defesa da Mulher de São Paulo, a maior do gênero no País, que iniciou em quase dois anos de existência trezentos homens por estupro, possui apenas três detidos. O caso de Ana Maria Duarte também comprova a criminoso tolerância da lei. Ela foi estuprada no Rio de Janeiro, no ano passado, pelo motorista de táxi, Jaime de Oliveira, identificado por outras vítimas, depois que Ana Maria resolveu denunciá-lo publicamente.

Quando detidos, os estupradores continuam desfrutando privilégios negados a outros presos, pois ao contrário das celas superlotadas, ficam em cárceres especiais, caso de Flávio Francisco Ferreira que estuprou uma menina de 6 anos, recentemente, em Belo Horizonte. A justificativa da polícia é simples: a separação evita que os estupradores sejam mortos pelos outros presos que costumam vingar esse tipo de crime. Mas essa justiça do "olho por olho", fruto de uma ideologia autoritária, também tem sua exceção: se os estupradores tiverem antecedentes criminais, são "respeitados" pelos demais detentos.



1.ª Delegacia da Defesa da Mulher (ISP): trezentos indiciados, mas só três presos.

Entre autonomia e compromissos partidários, evolui o feminismo na Alemanha Federal

FEMINISMO

O segundo movimento feminista da Alemanha Federal formou-se em plena rebeldia estudantil de 68, quando as mulheres decidiram ser algo mais do que a eterna subordinada e servidora dos homens. Reivindicaram o direito de decidir sobre seu corpo e posicionaram-se a favor da despenalização do aborto. Sua luta quase deu certo, pois já existia um projeto de lei garantindo às mulheres o direito de abortar nos primeiros três meses de gravidez. No entanto, a Corte Suprema da RFA optou, finalmente, por uma lei desfavorável para as mulheres: aborto só em casos especiais, como estupro, perigos para a vida da mãe ou da criança e condições econômicas precárias da gestante. Sendo que essas justificativas só eram permitidas nas primeiras doze semanas de gravidez, e depois de a mulher ser examinada por dois médicos e um órgão de assessoramento de planejamento familiar. Essa batalha não foi ganha para sempre. Políticos conservadores com forte apoio da Igreja Católica manifestam, ultimamente, seu desacordo com essa lei, por isso existe uma forte polêmica entre esse grupo e as feministas, como Alice Schwarzer, editora da revista *Emma*, e mulheres engajadas no Partido Verde, que reivindicam a despenalização completa do aborto.

Graças ao movimento feminista, a violência praticada diariamente contra a mulher virou tema de discussão depois de tantos anos de tabu e silêncio. Manifestações, como "As mulheres voltam a reconquistar a noite", realizadas anualmente na noite do dia 30 de abril para 1.º de maio, chamada "Noite das Bruxas", quando denunciam a insegurança nas ruas, onde as mulheres são vítimas potenciais das agressões masculinas. Em muitas cidades

MARGRIT KLINGLER - CLAVIJO

Há duas décadas, o feminismo na Alemanha Federal contribuiu decisivamente para a diminuição da violência contra a mulher. Nos anos oitenta, o movimento toma outro rumo: se une às lutas ecológicas e pela paz e abre um novo espaço político através do Partido Verde.

(Margrit Klingler-Clavijo é jornalista alemã)

existe um serviço telefônico para ajudar as mulheres que sofrem qualquer tipo de violência. Na cidade de Tübingen, por exemplo, se desenvolve um serviço que permite às mulheres utilizarem táxis pagando tarifa de ônibus. Mas a maior conquista foi, sem dúvida, a instalação das casas para mulheres espancadas, as *frauenhauser*. Essas casas foram concebidas como refúgio para mulheres que tinham sido espancadas pelo marido. No começo, essas casas eram autônomas e financiadas por fundos conseguidos pelas mulheres do movimento. Na medida em que aumentou a aceitação e necessidade dessas casas, o Estado passou a contribuir também com verbas.

Década de mudanças

No começo dos anos oitenta, o mo-

vimento feminista alemão mudou. O fôlego de antes tinha-se acabado. A crise econômica, gerando o maior desemprego que a Alemanha conheceu depois da Segunda Guerra Mundial, cerca de 2,5 milhões, colocou fortes limites às aspirações de uma nova geração de mulheres, profissionalmente bem qualificadas e com vontade de trabalhar. De um lado, surgiram mulheres que se desligaram completamente das lutas políticas e sociais para se dedicarem ao cultivo e à descoberta da vida interior. Por outro, outras que procuraram unir as lutas feministas às de outros movimentos como, por exemplo, o movimento pela paz e pela ecologia.

Em geral, o questionamento de um mundo dominado e destruído por tecnocratas patriarcais, responsáveis pela corrida armamentista, a destruição do

meio ambiente e relações assimétricas entre homens e mulheres, leva as mulheres a procurar novos valores, como o contato com a natureza e uma nova espiritualidade baseada na magia e mitos ancestrais. A revalorização de qualidades "femininas", como a paciência, intuição e espontaneidade, é redescoberta. Dentro deste contexto surge a "nova maternidade". A maternidade, bastante desvalorizada nos anos setenta a favor de uma carreira profissional, está sendo redescoberta. Na maioria dos casos, através de um novo relacionamento com o próprio corpo. E tem ainda função compensatória para as aspirações profissionais de mulheres frustradas pela crise econômica, sem perspectivas no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e fechado. Para um número crescente de mulheres, a única perspectiva futura é a maternidade.

Novos compromissos

O desenvolvimento do feminismo nos anos oitenta, no entanto, não é só a volta à vida familiar sob nova cosmética, procura a abertura de um novo espaço político, com a fundação e fortalecimento do Partido Verde. Nas últimas eleições regionais para o parlamento de Hamburgo, no ano passado, uma chapa só de mulheres do PV ganhou quase 10% dos votos. Desde 86, o PV leva ampla discussão de um projeto de lei contra a discriminação da mulher. Até que não exista igualdade real entre homens e mulheres, essas últimas terão trato preferencial sempre que tenha de ocupar uma vaga, tanto na vida política como no setor profissional, até que 50% das mulheres estejam integradas nos cargos até agora majoritariamente ocupados por homens.

Nos últimos anos, formaram-se em inúmeras cidades encarregadas de analisar assuntos referentes às mulheres (*Frauenbeauftragte*), cuja função é apoiar as mulheres discriminadas profissionalmente e fazer pesquisas sobre a situação feminina. Eva Ruhmkopf, uma das primeiras encarregadas, resume suas experiências após sete anos de trabalho: "Operamos dentro do sistema, fazendo reformas. Uma verdadeira igualdade só será possível quando o mundo do trabalho não for tão rígido e os homens estejam dispostos a participar realmente das tarefas domésticas e da educação das crianças."

Atualmente, 10 mil homens na RFA, por motivos familiares, não trabalham por período integral; entretanto, 1 milhão de mulheres está fazendo isso, sem falar nas 10 milhões de donas-de-casa. Esses dados demonstram que o movimento feminista criou uma consciência sobre a problemática da mulher, sem quebrar, na prática, as raízes profundas da resistência perante mudanças abrangentes, e que dentro do contexto do neconservadorismo político os resultados da luta dos anos setenta correm perigo.



No Partido Verde alemão, espaço para a luta feminista

Rapp de Eston

PAULA MAGESTE

Ao contrário da maioria das pessoas, para quem a aposentadoria é um duro golpe - como se encerrasse uma etapa da vida que confere identidade profissional - a doutora Verônica Rapp de Eston, a primeira mulher a fazer graduação e livre-docência na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, continua na ativa. Aos 69 anos, aposentada há 7, faz conferências e emite pareceres técnicos, como no caso recente do leite europeu contaminado. Ela também é presidenta da Associação Brasileira de Mulheres Médicas - já no segundo biênio - onde procura, ao lado de outras profissionais, soluções para seus problemas comuns: dupla jornada de trabalho, apresentação de trabalhos científicos, escolha da especialidade clínica etc.

O legado profissional de Verônica Rapp de Eston no campo da medicina tem a consistência de uma vida inteira. A vontade de estudar veio desde os tempos de menina. Os pais, suíços, deram apoio total numa época em que não era comum uma mulher cursar o nível superior. Ela estudou nos mesmos colégios que os dois irmãos e reconhece ter tido as mesmas chances que eles. Depois de casada, também não interrompeu seu trabalho. "Meu marido Tede, colega de turma, foi muito companheiro nas conquistas profissionais", diz. O casal fundou o Centro de Medicina Nuclear da USP e foi o primeiro a trabalhar, em medicina, com material radioativo na América Latina, sendo pioneiro no Conselho Nacional de Energia Nuclear (CENEN) e no Instituto de Pesquisas sobre Energia Nuclear (Ipen).

Privilegiada no sentido de sempre ter recebido incentivo profissional, Verônica vê com muito otimismo as conquistas femininas neste setor: "A mulher profissional depende muito do apoio familiar que recebe. Muitas vezes um homem diz que apoia sua mulher, mas cria uma série de pequenos

Uma educação em nada diferenciada da recebida pelos irmãos contribuiu decisivamente para colocar Verônica Rapp de Eston entre as mulheres pioneiras no Brasil na área de medicina. Aposentada, ela vive hoje a "fase do sábio"



Foto: André Mariani

obstáculos que infernizam a vida dela. Fico contente em ver os casais jovens que assumem a família do ponto de vista econômico e funcional. O homem sempre teve o direito de ter uma profissão e uma família. A mulher só tinha o direito de se realizar na família. Hoje, ela luta muito e enfrenta uma barra pesada. Naturalmente, o homem que está disposto a ajudar trabalha mais, mas tem uma compensação enorme: uma mulher que entende o que ele faz".

As três fases da vida

Ao falar de suas perspectivas, a mé-

dica relembra uma frase do psiquiatra Yung, adaptada da filosofia chinesa: A vida do homem tem três fases: a do aprendiz, a do guerreiro e a do sábio. "Vivi intensamente a fase do aprendiz, aprendi tudo que foi possível. Também vivi intensamente a fase do guerreiro, dei tudo de mim na vida profissional e familiar. Agora, estou tentando viver intensamente a fase do sábio." Desta etapa, fazem parte a música e a vontade de participar de campanhas ecológicas.

A médica diz que deixou a profissão de livre e espontânea vontade: "Muita gente achou que eu estava fazendo uma grande bobagem, que ia me sentir

terrivelmente frustrada. Não foi assim, pois tenho outras coisas que me interessam e que estou desenvolvendo. O problema da terceira-idade é procurar uma coisa do seu interesse, que não precisa, necessariamente, ser uma atividade profissional. Basta ser algo que satisfaça e dê prazer. Acho que a mulher sabe enfrentar esse período melhor do que o homem. Ele está perdido a partir do momento em que se aposenta, porque não aprendeu a se ocupar com outras coisas."

Entusiasta das campanhas ecológicas, Verônica Eston analisa com pessimismo o programa nuclear brasileiro, que comprou no governo Médici uma usina nuclear que custa, só de juros, meio milhão de dólares por dia. "A localização, para citar apenas um dos pontos negativos de Angra", enfatiza, "é inadequada, pois qualquer acidente pode comprometer a vida de 20 milhões de pessoas". Para Verônica, o Brasil ainda tem muitos recursos energéticos para explorar, em vez de ficar sustentando uma usina que não gera energia.

A denúncia do reitor da USP, José Goldemberg - no último encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) - de que os avisos de possível racionamento de energia elétrica no Sul e Sudeste visavam colocar Angra I em funcionamento com respaldo popular, é analisada sem reticência pela doutora Verônica: "Sou favorável à liberdade de informação também na questão nuclear que, no caso brasileiro, deixou de fora até os físicos", ao centralizar o programa nas mãos dos militares.

Atualmente, o mundo possui quase quatrocentas usinas nucleares, mas nenhuma tão precária como a brasileira, que já parou 22 vezes. Diante deste quadro, Verônica Eston faz um prognóstico sombrio: "Se nos Estados Unidos e Rússia, dois países de tecnologia avançada, os acidentes nucleares foram causados por falha humana, não acredito que os técnicos brasileiros sejam menos falíveis no manejo dos reatores."

AS PIONEIRAS

No final do século passado, o argumento mais usado para justificar a diferença do ensino para homens e mulheres era o biológico. Cérebro atrofiado pela falta de uso, com massa cinzenta menor - tendo por consequência inteligência reduzida - e saúde frágil e delicada, tornavam a mulher "inapta", por natureza, para frequentar o ensino superior. A imprensa feminista do período protestava

contra essa exclusão e perguntava: "Será que o governo tem receio de alguma revolução resultante da ciência feminina?"

Em 1874, dada a impossibilidade de matrícula nos cursos de Medicina do país, Maria Augusta Generosa Estrella, com 14 anos, conseguiu - apesar da idade - permissão para matricular-se no New York Medical College and Hospital for Women, onde se formou em 1881, tornando-se a primeira médica do Brasil. Neste mesmo ano, ela escrevia um artigo para um jornal americano, falando, dentre outras coisas, das vantagens desta profissão para as mulheres e para a sociedade, como, por exemplo, a de se obter mais facilmente a confiança dos pacientes mulheres, o que auxiliaria o diagnóstico. Acreditava que as médicas deveriam cuidar somente de mulheres e incitava suas compatriotas a seguirem seu exemplo.

Em 1879, pela Reforma Leôncio de

Carvalho, que modificava o ensino superior, as mulheres puderam ter acesso às faculdades do País. Com esta reforma também foi instituída a co-educação - ensino misto - para escola primária, evitando-se, porém, o contato entre os sexos depois de certa idade. No ano de 1881, matricularam-se as duas primeiras alunas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; nos dois anos seguintes, uma por ano. Destas quatro alunas, duas não puderam ir às aulas sozinhas. Em 1884, matricularam-se mais quatro jovens, incluindo-se entre elas, a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes, que se tornaria a primeira médica formada no País.

As primeiras médicas dedicaram-se às moléstias de senhoras e crianças. Mesmo assim, tiveram que enfrentar a desaprovção social, sendo vítimas da hostilidade e do ridículo. Sílvio Romero, por ocasião da formatura de Ermelina Lopes de Vasconcelos (1888), escreveu um artigo intitu-

lado "As Machonas", onde tripudiava o exercício da medicina por mulheres. Em 1889, foi encenada no Rio de Janeiro, uma peça chamada *As Doutoradas*, onde o autor contrapunha a vida profissional e maternidade, vencendo, é claro, a segunda.

Até 1930, bem poucas mulheres se aventuraram a ingressar no ensino universitário. "Penetrar" num mundo onde o número de homens era muito maior que o do seu sexo espantava mesmo as mais destemidas. A inteligência inferior não era mais o argumento utilizado. Agora, embora de inteligência igual, a diferença e a complementariedade dos sexos faziam a mulher apta para o exercício de determinadas profissões e justificavam as desigualdades educacionais. A "vocação" passou a determinar as preferências e a maioria das moças continuou a ser encaminhada para a Escola Normal.

Maria Lúcia de Barros Mott

MORATÓRIA

"uma bela idéia jogada fora"

LIA CARNEIRO
jornalista

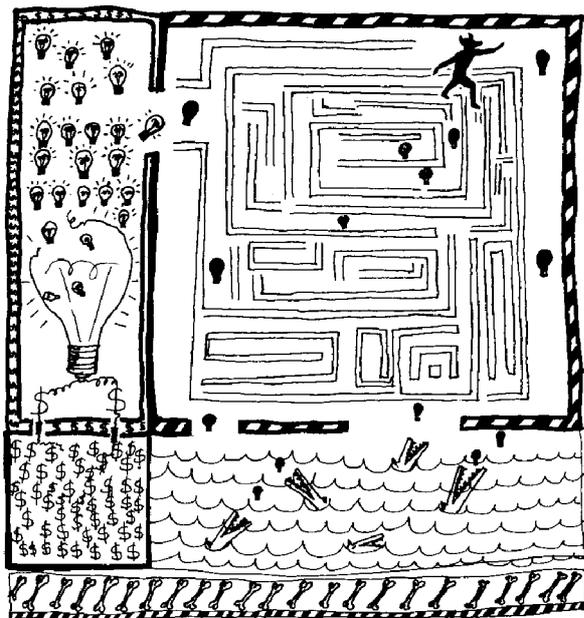
Dependendo da perspectiva, a moratória adquire um sentido. Para os países subdesenvolvidos é um basta contra a exploração, para os desenvolvidos, um calote das nações atrasadas. Mas para o governo brasileiro não passa de um reescalonamento amplo dos juros.

A discussão sobre a moratória começa na própria definição dos termos. Afinal, no dia 20 de fevereiro, o que é que o presidente Sarney quis dizer ao anunciar a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa por tempo indeterminado? Moratória, reescalonamento, inadimplência, moratória técnica ou calote mesmo? Isso sem falar em tantos outros batismos comuns aos jargões dos economistas e dos políticos mais criativos. Pela definição do dicionário Aurélio, moratória é a dilatação de prazo concedida pelo credor ao devedor para pagamento de uma dívida. Não se trata, portanto, da atual situação brasileira. Há muito tempo, desde 1983, o País está em processo de reescalonamento da sua dívida, isto é, atrasa o pagamento do montante principal, sem suspender o pagamento dos juros. Muita gente chamou isso de moratória técnica, porque o pagamento do principal ficava suspenso por noventa dias, prazo normalmente aceito pelos credores para atrasos no acerto de contas. Hoje, além de "jogar para frente" o pagamento do principal, o Brasil optou também por suspender o pagamento do serviço da dívida, isto é, dos juros. Daí que não tem nada de moratória nisso, trata-se apenas de um tipo mais grave de reescalonamento.

A suspensão do pagamento dos juros não foi geral. Ela envolve cerca de 70% da conta de juros que o Brasil deveria pagar este ano, estimada em 9 bilhões de dólares, alcançando a totalidade dos empréstimos de médio e longo prazo concedidos por bancos privados internacionais, à exceção, naturalmente, do que já foi pago de 1.º de janeiro até o dia do anúncio da suspensão do pagamento. Continuarão a ser pagos os juros dos empréstimos dados ao Brasil por organismos multinacionais, como o Banco Mundial, por institutos governamentais e pelas agências de bancos brasileiros instaladas fora do País. Foram também excluídos do calote os empréstimos com menos de um ano de prazo para pagar, que são as linhas de crédito de curto prazo que financiam o comércio exterior do País e sustentam as agências brasileiras em Nova York.

Crise cambial

Mas por que essa medida só foi tomada agora? Para quem já pagou 55,8 bilhões de dólares de juros nos últimos cinco anos, 9 bilhões a mais ou a menos não fariam muita diferença. Por trás do famoso "nós não podemos pagar a dívida com a fome do povo" estão uma gravíssima crise cambial e uma enorme perda de popularidade do governo depois do trágico fim do Plano Cruzado.



tava em busca de um "sonrisal" para a ressaca da euforia do Cruzado. A população se desmobilizou, jogou fora as tabelas e, hoje, assiste passivamente as remarcações e aumentos abusivos. Enterraram seus ídolos. Os empresários ficaram desesperados por conta de um realinhamento de preços que, além de atrasado, ficou muito abaixo do pleiteado. E os políticos, depois do banquete, deixaram Sarney pagar a conta sozinho. Dá para perceber como uma suspensão dos juros da dívida ajudaria a matar (ou calar) vários coelhos de uma só vez? E quem bancasse o conservador, mostrando que tem um coração mais para ianque do que brasileiro, levaria o selo de traidor da pátria.

Politicagem e futuro

Assim foi. Negar a "tutela" do FMI, ameaçar endurecer com os exploradores do Terceiro-Mundo, vangloriar-se das riquezas nacionais e da posição do Brasil como potência que desponta são ganchos que garantem o sucesso do mais mediocre dos discursos. O governo sabe das fórmulas e optou exatamente por jogar toda a culpa da enorme lista de problemas internos nos vilões estrangeiros que sangram nossas divisas, e numa peregrinação redentora do ministro Funaro.

É por essa e por outras que muita gente se sente perdida com relação ao futuro. Para onde será que vai o dinheiro dos juros? Como será a negociação? Quanto tempo levará para que tudo volte ao normal? Na expectativa, o País fica parado. Se ninguém se atrever a contratar um novo empregado, imagine a quantas andas os investimentos. Ana Márcia Vaisencher, editora do jornal **Diário Comércio & Indústria**, considera difícil fazer um julgamento da atitude do governo brasileiro porque as informações não estão claras. "Não sei para onde vai o dinheiro que seria destinado ao pagamento dos juros. Para garantir o ritmo de investimentos e evitar uma possível recessão? Ninguém sabe. Nem mesmo o nível das reservas internacionais é confiável. Ninguém esclareceu o que vai ser feito daqui pra frente. Fica a pergunta."

Segundo a linha das dúvidas, Nele Caixeta, editora da revista **Veja**, acredita que esse não era o momento adequado para o governo anunciar uma suspensão de pagamento. "Coloco em dúvida se não era melhor ter ampliado a discussão, buscando assim maior apoio popular. Com a população indiferente e a oposição dos credores e dos conservadores, a tendência é não dar certo. Como o Plano Cruzado, a 'moratória' é mais uma bela idéia jogada fora".

Para quem ficou contaminado com o espírito xenóforo da decisão, Maria Aparecida Damasco, editora da revista **Exame**, alerta: "A decisão de suspender o pagamento dos juros não deve esconder nossos problemas internos. Teme-se o uso da crise externa brasileira como aconteceu com as Malvinas argentinas, transformadas num biombo para esconder a verdade. A suspensão do pagamento do serviço da dívida não resolverá nossos problemas estruturais, não é por aí a salvação".

Desde outubro do ano passado que o saldo da balança comercial (resultado entre o que se exporta e o que se importa) vem se apresentando cada vez menos positivo. O superávit brasileiro caiu de uma média mensal de 1 bilhão de dólares para minguados 100 milhões. Com menos dinheiro disponível para pagar suas contas no Exterior e as importações necessárias para que a produção do País não seja interrompida, o governo foi obrigado a dispor, cada vez mais, de seus haveres em moeda estrangeira e dólares, o que significa, em outras palavras, a "queima" de reservas internacionais. O número de reservas internacionais é um elemento tão poderoso, na hora da barganha, que seus números exatos somente são divulgados com um atraso de vários meses e observa-se que, quando os cintos apertam, essa divulgação nem sempre é muito confiável.

O presidente Sarney quis animar a todos e declarou que o Brasil tem re-

servas suficientes para atender as importações de vários meses. Isso foi dito porque, tecnicamente, o volume mínimo de reservas aceitável para um bom pagador deve corresponder ao dinheiro necessário para as importações durante três meses. Mas há sérias dúvidas quanto ao número revelado por Sarney: 3,96 bilhões de dólares. Afonso Pastore, presidente do Banco Central no governo anterior, questionou: "Como é possível que eles tenham divulgado em outubro que as reservas eram de 5,5 bilhões de dólares e hoje, depois de quatro meses de superávits magérrimos, digam que esse número é de quase 4 bilhões? É o milagre da multiplicação dos pães?" Ele acredita que o número corrente das reservas brasileiras estimadas na praça de Nova York, não ultrapasse 500 milhões de dólares.

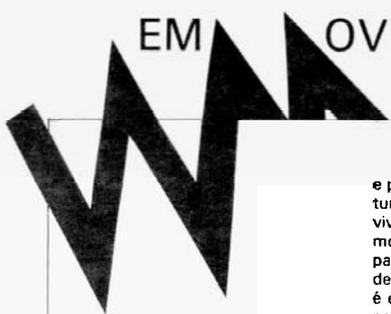
Mas fora os problemas de falta de caixa para fazer frente aos compromissos internacionais, o Brasil também es-

Forma Estética & Cia.
cabeleireiro

estética social e artística
depilação a cera quente, fria e definitiva
ginástica aeróbica e jazz

AMBOS OS SEXOS
Alameda Ribeirão Preto, 243 - Jardim Paulista - SP. Tel. (011) 287-9399



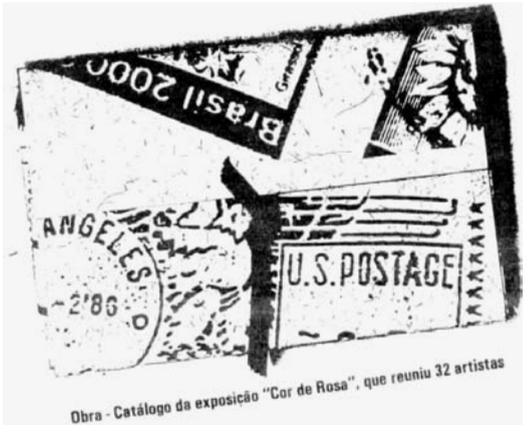


Resultado do Prêmio Cora Coralina/86

A banca examinadora do Concurso Nacional de Revelação Feminina em Conto e Poesia, Prêmio Cora Coralina/86, composta por Renata Pallotini, Maria Cristina Diniz Leal e Marisa Lajolo, apontou, por consenso, os três primeiros lugares: **Pandora's Box** de Stella Maris de Figueiredo, **Mulher Oásis** de Vera Margot Mogilka e **Conas** de Denise Godói de Carvalho Verano. Também foram concedidas dez menções honrosas.

Exposição "cor-de-rosa"

A arte atual, abandonada às ideologias e perdidas as ilusões, saturada de voltas ao seu próprio passado mítico residual, com todos os pós-expressionismo, pós-conceitualismo, pós-formalismo, pós, pós, pós, balança no vazio de questionamentos que não impressionam mais ninguém. Na



Obra - Catálogo da exposição "Cor de Rosa", que reuniu 32 artistas

sociedade capitalista de nossos dias, a comercialização da arte ainda é o que ela tem de mais próximo à realidade, mas o capitalismo tardio traz um ranço decadente. Degradados todos os valores que, historicamente, têm motivado a cultura-arte, ou até, ousaríamos dizer, a própria existência humana, esvaziadas todas as lutas dos anos setenta, só vemos sobrar uma força vital: a vontade de sobreviver.

Na brutal sociedade pós-moderna, como na pré-histórica (mudados, é lógico, os modelos), o que prevalece é a luta para se manter vivo. Hoje, essa luta passa pela reivindicação de paz mundial (a guerra nuclear, tudo leva a crer, seria terminal para o bicho-gente)

e pela recuperação-preservação da natureza à qual nossa existência-sobrevivência está vinculada. É aí que voltamos a politizar a sociedade, visto que paz e preservação da natureza só poderão se dar numa sociedade outra, e é então que cultura e arte novamente podem ter uma relação com a realidade e uma função social. O ser humano tenta retornar e, desta vez assustado, para a natureza e para a animalidade de que procurou se distanciar, em busca da superação cultural, pela violência e destruição. A arte começa a se querer intermediária deste vínculo que procura se reestabelecer. Em que condições e de que maneira?

A conhecida crítica e escritora norte-americana Lucy Lippard publica **Overlay**, um belo livro que busca raízes para a arte. Embora discordemos de certo caráter junguiano de mergulho num suposto inconsciente coletivo, no que se refere à nossa ligação com a natureza e da nostalgia arcaizante, presentes no seu livro, não podemos deixar de considerá-lo um dos textos mais importantes escritos sobre cultura e arte nos últimos tempos. Lucy Lippard vai à procura de nossa realidade natural - terrena - corporal, perdida como resultado de milênios de cultura patriarcal transcendentalista e abstrazante. Procura na arte de mulheres, ou de artistas homens, cujo trabalho difere dos modelos tradicionais de uma cultura fálica, ou ainda em tradições culturais quase perdidas, esse religamento, essa união, que foi

sendo, através do tempo, renegada e destruída, entre o ser humano, elemento da natureza, e o que se convencionou chamar natureza como oposição à cultura. Religamento - união sem os quais a espécie dificilmente perdurará.

Uma exposição de mulheres inaugurada em janeiro último, em Nova York, no Museum of Contemporary Hispanic Art, no Soho, com a participação de quinze artistas brasileiras e quinze norte-americanas, está plantada bem no centro desta questão. Com apresentação no catálogo-livro, da mesma Lucy Lippard, a mostra teve, até agora no Brasil, apenas uma pequena notícia publicada pela crônica social, com o



Na pré-estréia do Feminino Plural, um debate sobre o programa

título de "Exposição Cor-de-Rosa". Curiosamente o que tinha, claramente, uma intenção pejorativa, acaba colocando em pauta o ponto crucial do show nova-iorquino: cor-de-rosa, sim, como o tecido mais íntimo, sob a pele, a verdade da carne, da condição do bicho-gente-natureza, opção de arte de tantas mulheres. Arte como imanência, integração à vida e não apenas como voo transcendente. Cor-de-rosa é também o outro lado do azul-céu-transcendência, maneira masculina da sociedade patriarcal entender o fazer artístico. Cor-de-rosa, a cor da diferença expurgada, confinada nos "guetos" do biológico-natural, que não seria autorizado a pretender à condição de arte.

Na exposição de Nova York, pequena amostragem do que muitos artistas (mulheres e homens) estão fazendo, tentando dizer que arte também se faz com pele, sangue e a partir da condição de bicho da natureza, trinta mulheres do Brasil e dos Estados Unidos mostram, neste sentido, em seu trabalho semelhanças que espantam. "Arte cor-de-rosa" talvez uma esperança de vida e de novo contato de primeiro grau com nossa própria realidade de animais-humanos, dentro do mundo em que existimos.

Anésia Pacheco e Chaves

Ligue a TV. As mulheres estão no ar

Feminino Plural é o título de uma série de programas sobre a mulher, que amplia a discussão de cinco assuntos principais: trabalho, saúde, sexualidade, violência e planejamento familiar, além de incluir um especial sobre o Dia Internacional da Mulher. "O projeto nasceu no Conselho Estadual da Condição Feminina (SP)" - explica Jacira Melo, responsável pelo roteiro e uma das diretoras - "que já vinha desenvolvendo estudos e pesquisas sobre os temas abordados".

Se não fosse o levantamento prévio do Conselho não seria possível produzir a série no tempo recorde de um ano, com uma equipe mista de quinze pessoas, na qual as mulheres ocupam a direção, e ao custo médio de Cz\$ 200 mil por programa. "O Conselho tinha as fontes", diz Jacira, "e pudemos agilizar todo o trabalho em cima deste trunfo". Apesar de produzido pelo Conselho, em conjunto com a Rádio e Televisão Cultura e a Produtora Olhar Eletrônico, **Feminino Plural** não se limita a divulgar mensagens institucionais. "Mas isso não quer dizer que o programa não tenha compromissos, pois apresenta uma tendência ideoló-

gica", enfatiza Jacira, "é declaradamente feminista." A base do **Feminino Plural** são os depoimentos de mulheres. A opção por essa abordagem, segundo Jacira Melo, quis deixar lugar para que elas dessem sua perspectiva dos problemas em discussão, abrindo mão dos costumes especialistas.

Através dos depoimentos pessoais, o programa ganhou um adensamento humano e não teve seu ritmo comprometido. A introdução didática dos assuntos realizada por Aizita Nascimento, e a ficção, inserida através de flashes, veio fazer o contraponto das "histórias de vida". No primeiro programa, por exemplo, a ficção trouxe o subjetivismo para a dura realidade do mercado de trabalho sem igualdades, e no segundo, como a sexualidade já era em si um assunto subjetivo, o teatro trouxe a realidade através da crítica de costumes.

Até o momento, a equipe do **Feminino Plural** ainda não tem um retorno de público do programa, exibido aos domingos à tarde. No entanto, independente dos pontos de audiência, a RTC já programou sua exibição no horário nobre e em outras seis TVs educativas do País, existindo também a possibilidade de ser exibido em associações, escolas e sindicatos. Depois de uma avaliação, a equipe pensa em conseguir mais verbas junto ao governo Quêrcia para dar continuidade ao trabalho, ampliando-o também para o rádio. (S.S.)

Em Burkina Faso, poder contraditório

Num país, reconhecido por alguns como o mais pobre do mundo, chamado Burkina Faso, na África, aconteceu um fato incomum. Depois da revolução de 1983, na qual tomou posse o revolucionário Thomas Sankara, sete mulheres assumiram o ministério. E, enquanto seis delas ocupam pastas consideradas femininas, como o ministério de Assuntos Familiares, da Saúde, Meio Ambiente, Cultura, Turismo e Solidariedade Nacional, há de se ressaltar que uma delas controla o Ministério das Finanças, o que, segundo Catherine Traore membro da direção da

PRO MULHER

NOSSA GRAFICA. A Gráfica da Casa da Mulher de São Paulo, está à disposição de todos os grupos Feministas. Com preços reduzidos. Informações ligue (011) 255-5732 - Estamos atendendo também as solicitações para orientação e treinamento em offset.

União de Mulheres de Burkina Faso, representa "uma forma de confiança" e - por que não? - de competência, além, é claro, das consequências inerentes ao cargo, já que se acredita na máxima: "quem controla as finanças controla tudo".

E mais: há três mulheres ocupando o cargo de embaixadora em países como Alemanha Federal, Gana e Mali. Há também mulheres no cargo de governador provincial, assim como uma Guarda Presidencial Motorizada, constituída - exclusivamente - de mulheres. Contraditoriamente, a situação atual da mulher em Burkina Faso não é fácil, pois ainda é a família que decide com quem ela vai se casar e a circuncisão ainda é uma prática comum imposta às mulheres.

Combate à discriminação trabalhista

Foi criado em dezembro passado o Grupo Especial de Atendimento Trabalhista à Mulher e ao Menor, na Secretaria das Relações do Trabalho de São Paulo, com atividades integradas às do Conselho Estadual da Condição Feminina e ao Programa do Menor, que prevêem orientação trabalhista, captação de vagas, colocação e treinamento de mão-de-obra, programas de fiscalização nas áreas de segurança e higiene do trabalho, entre outros serviços. Através de novas formas de relacionamento com sindicatos, empresariado, imprensa e partidos políticos, o grupo pretende ser um canal de discussão de políticas de combate à discriminação e exploração da mão-de-obra da mulher e do menor.

Com o mesmo objetivo, a Secretaria e o CECF lançaram o livro *Direitos da Mulher Trabalhadora*, de Therezinha C. Santos Prado, com ilustrações de Miguel Paiva, que através de uma linguagem simples e didática trata temas como maternidade e contrato de trabalho, sendo distribuído gratuitamente pelo CECF. A comunidade negra já possui este tipo de serviço, desenvolvido pelo Grupo de Orientação e Interferência em Situações de Discriminação Racial no Mercado de Trabalho e a cartilha *O Negro no Mercado de Trabalho*, criados pela Secretaria e Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, em janeiro de 1986.

A produção feminina no cinema brasileiro

A produção cinematográfica da Embrafilme em 86 ultrapassou 100 filmes, entre os concluídos e em andamento. Porém, a fatia feminina neste bolo é pequena. Observa-se que entre cinco longa-metragens de ficção, apenas um é de realizadora: Ana Carolina (RJ), que em seu *Sonho de Valsa* aborda a história de uma mulher insatisfeita em suas relações místicas e afetivas, e que busca a realização do desejo.

Entre os longa-metragens documentários, Helena Salem (RJ) dirigiu, ao

lado de Jorge Bodansky, o *Igreja dos Oprimidos (Mulherio n.º 26)* e Raquel Gerber (SP) está em fase de montagem de *Ori*, sobre os movimentos negros e a formação de sua consciência através da criação de "um herói positivo na dinâmica de suas vidas", como afirma a cineasta.

Entre os média-metragens em produção, Sandra Werneck (RJ) é a única diretora, com seu *Meninas de Rua*, ficção - documentário sobre a prostituição de menores com a presença da atriz Ana Beatriz Nogueira. a mesma de *Vera*, ganhadora do prêmio de melhor atriz no último festival de Brasília e do Festival de Berlim deste ano.

Mas é na área de curtas que se encontra uma produção mais significativa, com a produção de vários filmes sobre e de mulheres: *Meninas de um outro tempo*, de Inês Villares (*Mulherio n.º 26*); Gineceu, de Helena Maria Leal Lustosa (RJ), misto de desenho animado e tomadas ao vivo que utiliza a simbologia feminina para narrar a descoberta do Brasil pela mulher; *Elas na Luta pela Terra Prometida*; de Tetê Moraes (RJ), documentário sobre a participação feminina no movimento dos sem-terra no Sul; *Mulheres da Castanha*, de Simone Raskin e Edna de Castro (SP), relato do trabalho das mulheres nas fábricas de Belém que transformam a castanha em artigo de exportação; *Sulanca*, de Kátia Mesel (PE), que conta como as costureiras de Santa Cruz do Capiberibe (PE) obtiveram o domínio econômico da cidade; *Teresa*, de Andréia Queiroga (MG), reconstituição da história de uma mulher que enlouqueceu após o assassinato do único filho; e *Hemisfério de Sombra*, de Mariângela Grandó (RS), que retrata as insatisfações femininas, através da personagem principal: Rosário. Há também, de Hilda Machado (SP), *Jailson Marcou*, e *Um Certo Meio Ambiente*, de Jussara Queiroz (RJ). O primeiro sobre os menores marginalizados e o segundo, documentário, sobre o problema da degradação ambiental no Estado do Rio.

A nudez bate recorde

A edição de fevereiro da revista *Playboy* trouxe a nudez de Maitê Proença, anunciada em grande estilo e editada da mesma forma. Apostando nas expectativas do imaginário masculino, a Editora Abril lançou uma tiragem recorde de 800 mil exemplares (só não atingiu 1 milhão por problemas gráficos), quase o dobro da maior tiragem já produzida - 480 mil - encabeçada por Ioná Magalhães, no auge do sucesso da novela *Roque Santeiro*.

E apesar do editor da revista, Mário de Andrade, afirmar que essa edição especial não é simplesmente Maitê, é ela que serve de carro-chefe para guichar o imaginário do desejo masculino, alimentado por um suplemento de 74 páginas. Para seu lançamento, o próprio trabalho de marketing da revista foi diferenciado. Além de anúncios pela televisão, a *Playboy* veiculou, na edição anterior, uma chamada de pági-



Maitê ganhou um cachê de Cz\$ 2 milhões e vendeu Cz\$ 44 milhões nas bancas

na inteira. Já os posters em bancas e prêmios para os jornalheiros com maior vendagem são medidas usuais da Abril.

O registro da nudez de Maitê, segundo Mário de Andrade, "foi um tributo à beleza de uma mulher que é a musa nacional". E por saber que musa é para ser unicamente desejada, ou seja, o substitutivo sexual, não é possível engolir a justificativa do editor de que essa publicação "é um trabalho de arte vinculado a uma necessidade social de conhecer uma mulher que vem desempenhando um papel muito importante atualmente".

Para a *Playboy*, a trajetória de vida de Maitê Proença, a "garota de Campinas que virou a paixão nacional", não inclui nada mais do que a nudez total, opiniões de gente famosa, um ensaio de Belisa Ribeiro e uma biografia que deixou de incluir, entre outras coisas, um drama de vida: o pai de Maitê foi acusado de matar sua mãe em "legítima defesa da honra".

REGISTRO

No dia cinco de outubro, em Fernandópolis, SP, realizou-se o 9º Encontro Regional de Mulheres, articulado pela Rede Mulher, com o tema "Nós e a Constituinte". Durante o Encontro foram discutidas propostas sobre temas ligados aos movimentos populares de mulheres (política, família, educação, cultura, lazer, terra, moradia, trabalho, saúde, meio ambiente, menores, violência, segurança, discriminação racial), critérios para eleição de constituintes e as formas de se acompanhar seu trabalho. A discussão das propostas, de caráter suprapartidário, contou com a participação de Lilian (PC do B), Vilma (PCB), Sílvia Pimentel (PMDB) e Irma Passoni (PT).

Lideranças Femininas no Magistério, Centro de Professores do Rio de Janeiro, é resultado do seminário homônimo realizado nos dias 13 e 14 de dezembro de 1986, em Paquetá (RJ), em que se discutiu a questão feminina com a participação de mulheres sindicalistas ocupantes de cargos de direção.

No documento-síntese constam a palestra de Maria José de Lima sobre Mulher e Saúde - com uma cópia do documento do INAMPS sobre a política de ação integral à saúde da mulher -, a de Rachel Gutierrez a respeito da identificação do papel e reivindicações femininas no contexto social, uma si-

nopse dos filmes apresentados durante o seminário (*É Menino ou Menina* e *As Balzaquianas*, de Marília Andrade e Eliane Bandeira) e textos sobre assuntos que integram o universo feminino: A linha da Vida, o Feto e a Lei (questão do aborto) e Auto-Exame. Há também uma avaliação do encontro, bibliografia e a lista das participantes, com seus respectivos endereços e telefones.

Pedidos: Centro de Professores do Rio de Janeiro, Comissão Feminina, Rua Senador Dantas, 19, sala 801, Centro, CEP 20.031, Rio de Janeiro. RJ.

AGENDA

De 4 a 8 de julho de 1988 vai acontecer o 46.º Congresso Internacional de Americanistas em Amsterdã, na Holanda. O congresso se preocupará em discutir temas que envolvam estudos e informações sobre as Américas. Os interessados em apresentar trabalhos, devem escrever à organização do congresso até o dia 31 de maio, especificando o tema do simpósio proposto, assim como o nome dos possíveis participantes. Escreva também seu nome completo, instituição onde trabalha, cargo exercido e endereço, encaminhando para o 46.º Congresso Internacional de Americanistas C/O CE-DLA, Keizersgracht 395 - 397 - 1016 EK Amsterdã, Holanda.

Deve acontecer este ano, um encontro sobre creches em universidades. Caso você se interesse pela questão, ou esteja engajada (o) na reivindicação, implantação ou gestão de creches para atender filhos (as) de funcionários (as), professores (as) e alunos (as) de universidades ou faculdades, entre em contato com Fúlvia Rosemberg na Fundação Carlos Chagas, Avenida Professor Francisco Morato, 1.565. CEP 05513 - São Paulo. Telefone (011) 211-4511.

Mais uma vez, a conferência da Associação Nacional de Estudos das Mulheres vai acontecer para discutir problemas de discriminação por raça e sexo entre as mulheres. A conferência, que será sediada em Atlanta, no Estado americano da Geórgia, entre 24 e 28 de junho de 1987, já tem folhetos explicativos para quem estiver interessado. O prazo para apresentação de propostas vai até 15 de outubro. O endereço é NWSA '87, Emory University, Box 21223, Atlanta, GA - 30322, telefone (404) 727-7845.

A International Feminist Forum está convidando feministas e grupos de todo o mundo para participarem do encontro que vai acontecer em 1988 em Alberta, no Canadá. As áreas em debate incluem artes, publicidade, esportes, saúde e uma série de outros assuntos. O objetivo principal é mostrar, em bases concretas, como está sendo organizado o trabalho das feministas de todo o mundo. Mais informações na International Feminist Forum 6.423 Laurentian Way S.W. Calgary, Alberta, Canada T3E 5N2 North America.



Publicações

• **Isis International Women's Journal e Women in Action** (Isis International), publicações em inglês e espanhol. Com a proposta de promover a formação de canais que facilitem o intercâmbio de idéias e experiências entre mulheres, suas organizações e outros grupos, além de contribuir para a conscientização feminina sobre sua situação, incentivando sua organização — sobretudo no Terceiro Mundo. A Isis International constitui um serviço de comunicação e informação das mulheres a nível mundial. Para isso, dispõe de uma rede de mais de 10 mil contatos em 150 países e coordena uma rede específica da saúde das mulheres, da qual participam grupos da América Latina e do Caribe. Proporciona também assistência através de recursos audiovisuais e programas de treinamento baseados nas necessidades específicas de cada núcleo. Os endereços para contato são: Via Santa Maria dell'Anima 30, 00816 Rome, Italy e Casilla 2067, Correo Central, Santiago, Chile.

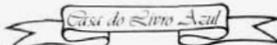
As ilustrações destas páginas foram extraídas do material promocional desta publicação.



• **Comissão Especial da Mulher e do Menor**, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. A publicação, reflexo das atividades da Comissão, discute o "mito da maternidade" — que confina a mulher à esfera doméstica de atuação — e as relações sociais de produção organizadas na família, tanto na zona urbana como na rural. Para isso, trata de questões como a dupla jornada de trabalho da mulher, a (não) participação masculina nas tarefas domésticas e socialização dos filhos, saúde da criança, educação e política. Comissão Especial da Mulher e do Menor, Assembleia Legislativa, 90010 Porto Alegre, RS

• **Somos**, Associação de Mujeres Nicaraguenses "Luisa Amanda Espinoza", n.º 28, edição especial. A AMN-

Livros de
Júlia L. de Almeida,
Ercília N. Cobra,
Maria Lacerda de Moura,
Nisia Floresta?



Ou já tivemos,
ou temos
ou teremos.

Rua Arthur
de Azevedo, 724
Telefone (011) 64-0254
05404 - São Paulo - SP
Livros Usados:
Esgotados e raros



Estas Somos Nós



CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER

LAE reúne mulheres empenhadas na vitória da revolução sandinista e apresenta proposta de defesa militar, programas de infância e juventude, apoio aos combatentes e familiares, aumento do índice de preparo e capacitação da mulher, elaboração da Constituição, continuidade do processo de autonomia da Costa Atlântica, busca de solidariedade internacional e respaldo a mulheres de outras regiões que lutam por sua liberdade e pela paz. Esta edição é dedicada aos defensores da soberania da Nicarágua, os "cachorros", e contém entrevista com a Secretária Geral da AMNLAE, Glenda Monterrey, a respeito dos avanços e dificuldades enfrentadas por mulheres nicaraguenses e dos problemas econômicos do país.

• **La Mujer y La Ley**, Centro de Estudios de la Mujer de Buenos Aires. A cartilha alterna desenhos e textos na tentativa de informar a mulher sobre seus direitos. Esclarece aspectos relacionados ao casamento, divórcio, adultério, filhos, trabalho, serviço doméstico, violência sexual dentro e fora do casamento etc. No final da publicação há uma lista onde também constam escritórios jurídicos gratuitos a serem consultados por mulheres que se sintam lesadas. Cem - Centro de Estudios de la Mujer, Nicaragua 4908. (1414) Buenos Aires, Argentina.

• **Mulheres da Europa** - Comissão das Comunidades Europeias, Bruxelas, n.º 45, bimestral. A comissão con-

ta com correspondentes do sexo feminino em dez países e no Parlamento Europeu para informar sobre medicina, política, emprego, estudos, livros e encontros que focalizem a mulher. O número 22, *Mulheres e Música*, relata a contribuição feminina para a música desde a Antiguidade, a propósito do preconceito de que as mulheres não se dedicam a essa atividade. Sem a pretensão de publicar um levantamento biográfico ou discográfico completos, registrou cerca de 3 mil compositoras. Comissão das Comunidades Europeias, Serviço de Informação para as Mulheres, Rue de la Loi 200, B-1049 Bruxelas, Fone: 235-1111 e 236-1111.

• **Informativo**, Centro de Documentación sobre la Mujer, n.ºs 2/3, setembro, 1986, trimestral. O Centro - localizado no Peru - visa à concentração de material e à difusão de idéias, experiências e conhecimentos entre mulheres. O *Boletim Informativo* familiariza as leitoras com áreas significativas de suas vidas através de bibliografias divididas por temas como, neste número duplo, a sexualidade e o aborto. CENDOC-MIJER, Av. Arenalis, 2626, Lima 14, Peru

• **O Catálogo de Entidades Sindicais do Estado de São Paulo**, elaborado pela Secretaria de Estado das Relações do Trabalho, visa uma melhor comunicação entre trabalhadores, empresários e suas entidades representativas, além da democratização da informação. O volume reuniu qua-

torze associações, 1.167 sindicatos, 55 federações e treze confederações, organizadas em cinco partes. Nas duas primeiras segue-se o critério de categorias econômicas e profissionais específicas contidas na CLT. Já a terceira parte é dividida em regiões administrativas. No final constam postos de atendimento da Secretaria das Relações de Trabalho e outras entidades. O catálogo pode ser solicitado à Secretaria de Estado das Relações do Trabalho de São Paulo, Rua Brigadeiro Luis Antônio, 554, 8.º andar, CEP 01318.

• **Estas Somos Nós**, catálogo publicado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), em conjunto com o Centro de Memória Sindical, baseado na exposição do mesmo nome, realizada durante o 1.º Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora, em janeiro do ano passado. A publicação mostra, através de fotos e texto, a trajetória da mulher no mercado produtivo brasileiro, lutando por melhores salários e ampliação dos direitos trabalhistas, através da mobilização sindical e greves. O CNDM fica no edifício sede do Ministério da Justiça, 5.º andar, sala 520, Brasília-DF, CEP 70064.

• **Mujer/Fempres**, Unidad de Comunicación Alternativa de la Mujer, Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET), n.º 67, fevereiro de 1987, Chile. O boletim, que visa apoiar trabalhos por melhores condições da mulher e o aumento de seu nível de conscientização, reuniu artigos de diversas partes da América Latina, incluindo quatro brasileiros. O primeiro relata a luta do movimento de



Documentos



Licença pós-parto também para o pai



Quase Catálogo

mulheres pela reeleição de Lúcia Arruda para o Parlamento. Outro, extraído de *O Globo*, trata da pressão da mulher sobre a Constituinte. Tirado da *Folha de S. Paulo*, *A linguagem e o feminino*, de Anésia Pacheco e Chaves e Sílvia Pimentel, fala do domínio masculino. Um último artigo do Brasil, da revista *Afinal*, é sobre o *Mulherio*. Outra publicação do ILET é *Red Radiônica de Mujeres*, que apresenta programas de rádio de diversos países latinos - produzidos por mulheres ou voltados para a problemática feminina -, caracterizando-os.



• **Quase Catálogo, Cinema realizado por mulheres no Brasil**, Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O CIEC, dedicado ao estudo e à documentação da produção cultural brasileira, elaborou um catálogo como meio de resgatar a memória nacional a contribuição feminina num campo que ainda lhe apresenta muitos obstáculos: o da produção cultural e, mais particularmente, o da produção cinematográfica.

Apesar de incompleto, como sugere o próprio nome, o *Quase Catálogo* reuniu mais de 140 nomes e títulos de filmes que introduzem o "olhar feminino" no cinema brasileiro. Pedidos podem ser feitos ao CIEC (Av. Pasteur, 250 fundos, Rio de Janeiro, CEP. 22290), ao preço de Cz\$ 20,00.



• **VIVA!**, Centro de la Mujer Peruana Flora Tristan, bimestral. A revista é o resultado de várias tentativas de equipe de comunicações do Centro em

editar um periódico que difundisse as idéias femininas e atividades do movimento no Peru. Seus objetivos envolvem a conscientização da mulher, estímulo à sua organização, recuperação da história das ações individuais e coletivas dos que lutaram a favor da mulher e da igualdade dos sexos, criação de vínculo entre feministas e mulheres não engajadas, fortalecimento da imagem do **Centro de la Mujer Peruana** como instituição a serviço das mulheres, reflexão política sobre o país sob uma perspectiva feminista e a documentação do trabalho das mulheres em setores onde constituía uma ruptura.

A publicação peruana aborda temas como saúde, sexualidade, educação, trabalho, aspectos legais, criação feminina e política de governo através de linguagem sensível e direta, facilmente compreensível pelo público não-especializado. Pessoas interessadas, podem escrever para o Centro de la Mujer Peruana Flora Tristan, Parque Hernán Velarde 42, Lima 1 - Peru.



• **Conscience**, vol. III, n.º 5, set/out. 1986. Editada em espanhol e inglês pela organização **Catholics for a Free Choice (CFFC)**, formada por católicos leigos e religiosos que defendem a livre escolha no que diz respeito ao aborto e planejamento familiar. A CFFC promoveu em dezembro do ano passado em Washington (EUA) uma conferência sobre "Questões Éticas na Saúde Reprodutiva: Perspectivas Religiosas", em que foram discutidos o feminismo, o crescente número de abortos e sua legalização em diferentes países, ética sexual e religião. Estiveram presentes as brasileiras Carmem Barroso, da Fundação Carlos Chagas (SP), e Maria Betânia D'Ávila, do SOS

Corpo (Recife). Informações: 2008 17th Street NW, Washington DC 20009, (202) 638-1706. USA.



• **Seara**, Revista de Literatura, Ano 1, n.º 2, 1986, Fortaleza, Ceará. Fundada por dez escritoras cearenses, integrantes do Grupo Seara, tem como objetivo, além de romper os limites culturais que isolam o Nordeste, divulgar o discurso feminino, "signo da linguagem do desejo", como afirma o editorial. Contra o "intimismo do lamento, o intimismo insípido e pálido" - sem no entanto, desprezar a carga psicológica que influencia o ato da criação -, as escritoras abrem um espaço para diversos gêneros e linguagens: poesia, ficção, ensaio, crítica, crônica etc. Correspondência: Rua Martinho Rodrigues, 88, 66.000 Fortaleza, Ceará.

NÚCLEOS

• O grupo de trabalho **Mulher e Política** da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), em sua última reunião, realizada em outubro passado, em Campos do Jordão, renovou sua coordenação para o período de 87/88, com a indicação de Eleonora Menicucci de Oliveira, para substituir Ana Alice Costa. A partir da redefinição do conceito de política e de participação da mulher, questões que foram objeto das discussões do grupo nas reuniões anteriores, decidiu-se pelas seguintes linhas temáticas para o próximo encontro: Gênero e Política, Movimento Social e História; Políticas Públicas em Relação à Mulher e Participação Política; Constituinte. Para maiores informações e sugestões: Rua João Moura, 476, apto. 82, tel. (011) 64-8521, São Paulo - SP. CEP 05412.

ARQUIVOS

• Funciona em Frankfurt o **Arquivo e Centro de Documentação Feminista**, com extenso material sobre a história da luta feminista a partir da metade do século XIX concentrado na "ala radical" do movimento de mulheres, o arquivo possui banco de dados e biblioteca com acervo de 2.500 títulos, além de uma coleção de boletins e folhetos - fruto de quinze anos de coleta realizada por grupos e instituições internacionais -, revistas especializadas e artigos jornalísticos. Atende a consultas pelo telefone ou correio (há



um custo para respostas escritas e pesquisas). O endereço é **Feministisches Archiv und Dokumentationszentrum**, Arndtstr. 18, 6000 Frankfurt 1, República Federal da Alemanha, telefone: 0049/69/745044.

• Com o propósito de mobilizar e organizar a população feminina, foi criado o **Centro de Informação e Pesquisa Angelina Gonçalves** (Cipag), de Porto Alegre (RS) -, centrado em questões como a saúde, creches, violência, educação, trabalho e discriminação em geral. Como é uma iniciativa recente que pretende montar um setor de investigação e documentação sobre diferentes questões envolvendo mulheres, existe interesse em manter intercâmbio de informações. O endereço para correspondência é Rua dos Andradas, 680, 8.º andar, CEP 90020, Porto Alegre (RS), telefone: 21-0999, ramal 216.

TESES

• **Jussara Reis PRA. A mulher e sua situação na sociedade porto-alegrense.**

Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1984.

Análise de participação sócio-política feminina. Os resultados de pesquisa realizada com 245 mulheres, maiores de 18 anos, residentes na área metropolitana de Porto Alegre, evidenciam que embora bastante motivadas para participar de atividades de natureza "pública", essas mulheres demonstram uma inclinação menor para a participação em atividades de natureza política.

CADERNOS DE PESQUISA

- **Creches e berçários nas empresas privadas paulistas** - Adriana Maria Carbonell e outros (n.º 57)

- **Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70** - Felícia Madeira (n.º 58)

- **Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra** - Maria Lucia de Barros Mott (n.º 58)

- **Definição social da primeira infância e funções diferenciadas da escola maternal** - Jean-Claude Chamboredon (n.º 59)

- **O magistério como profissão feminina** - Michael Apple (n.º 60)

- **A creche da Vila Praia** - Ana Maria Mello (n.º 60)

- **Assinaturas, catálogos e informações**

Fundação Carlos Chagas

Av. Professor Francisco

Marato, 1.565

CEP 05513 - São Paulo - SP

Tel (011) 211-4511

Gráfica e Editora Esperança

• Composição em Fotocomposição e Composer IBM Fotolito

• Impressão Off-Set • Diagramação, Produção e Arte.

R. Humberto I. 398 - Estação Ana Rosa - Fone: 571.3095



Como alimentar meu bebê?



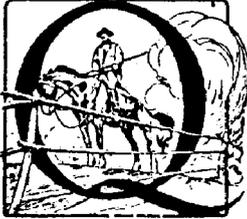
TINHA UMA VEZ, AÇÚCAR, FARINHA, ARROZ, BATATAS, CARNE, CAFÉ...



A maternidade ameaçada



Mulher: assunto proibido



uem se espanta diante do fato de que mulher não é pauta de jornal, ficaria mais alarmado ao saber que, há vinte anos, as mulheres eram assunto proibido. A edição especial da revista *Realidade* de janeiro de 67, "A Mulher Brasileira, Hoje", foi apreendida nas bancas, com base num requerimento do Juizado de Menores que afirmava serem as reportagens nela publicadas "obscenas, profundamente ofensivas à dignidade e à moral da mulher, exaltar a mãe solteira, combater a virgindade e outros cânones morais vigentes no País." Ficava assim configurado mais um abuso de poder, que desta vez não visava a imprensa alternativa,

ideológica, mas a grande imprensa com discurso mais subordinado.

Entre as matérias da edição proibida, constava a pesquisa "O que pensamos nossas mulheres", com dados que provam que as mulheres mudaram. Na época, 38% votavam em quem o marido indicava, 59% acreditavam que o homem era mais inteligente do que a mulher, 77% afirmavam que o País seria melhor dirigido por homens, 67% achavam que as mulheres deveriam casar virgem, 95% afirmavam que a mulher precisava ser bonita para ser feliz, 18% das solteiras e 31% das casadas concordavam que a função da mulher é apenas satisfazer sexualmente o marido. A pesquisa também revelou um dado até hoje inquietante: 44%, isto é, uma em cada quatro das 1.200 entrevistadas, já abortaram.

O pior estava por vir. A censura da ditadura militar, dez anos depois, veta-

va o número 45 do jornal *Movimento*, dedicado ao "Trabalho da mulher no Brasil". Das 305 laudas enviadas para Brasília, a Censura federal vetou 283, no total de 93% do material. Nem as fotos, ilustrações e gráficos escaparam, pois, dos 94 enviados, 74 foram proibidos. Segundo Raimundo Rodrigues Pereira, então do Conselho Editorial, o número vetado correspondia "ao maior esforço jornalístico do jornal, que envolveu 82 pessoas em sete Estados."

Nova censura

Na época, o levantamento do jornal *Movimento* apurou que não havia creches para as mulheres que trabalhavam, não se respeitava o direito da gestante, as mulheres não estavam presentes de forma efetiva na vida sindical, nem na política. Eram chamadas para o trabalho produtivo apenas em

períodos de crise e recebendo salários mais baixos do que os dos homens e arcando, paralelamente, com o trabalho doméstico. Uma realidade que o jornal comparou aos sacrifícios impostos aos trabalhadores no início da Revolução Industrial, que ainda não mudou.

Em manifesto, distribuído na época, o *Movimento* questionou a quem serviria o veto à divulgação dessas verdades, apuradas através de estudos, depoimentos e estatísticas do próprio governo, formulando sua tese: "Esse veto constitui evidentemente uma forma de a polícia - que se constitui cada vez mais na guardiã da verdade no País - impedir a discussão profunda e honesta dos grandes problemas que atingem a nossa população trabalhadora. Esse nosso relato circunstanciado é uma demonstração do absurdo da tese de que a censura existe para cobrir uma imprensa irresponsável." (S.S.)



As matérias proibidas



REALIDADE

- *A indiscutível, nunca proclamada (e terrível) superioridade da mulher*
Num texto bem-humorado, vão caído por terra todos os argumentos usados para justificar a inferioridade feminina: "Faz um milhão de anos, o homem sentou-se numa pedra, pensou, pensou, e descobriu o complexo de inferioridade: A mulher pode procriar, eu não. A inveja que senti foi tão grande, que era preciso inventar alguma coisa para compensar. Então, começou a dizer: "Mas eu sou mais forte, mais inteligente; a mulher é fraca e burra. Eu sou superior."
- *Ela é Assim*
Matéria sobre o funcionamento de todo o aparelho genital feminino, a célula-ovo, os cromossomos, a ovulação, fecundação, gravidez e parto.
- *A bênção Sá Vigária*
Impedidas de rezar missa pela Igreja, muitas freiras, na prática, desempenham a função de vigário em paróquias distantes.
- *Nasceu*
Aborda a história de uma parteira da cidade de Bento Gonçalves (RS) res-

ponsável pelo nascimento de 3 mil crianças, e a sequência de um parto.

• Esta mulher é livre

Entrevista com a atriz Ítala Nandi, que responde: "E daí? Não faço questão de ser rotulada de uma maneira ou de outra. O importante, para mim, é descobrir, cada dia que passa, que sou um pouco mais livre do que ontem..."

• Consultório Sentimental

Matéria de Carmem da Silva sobre a farsa desse tipo de serviço: "O que caracteriza a maioria dos consultórios sentimentais é o otimismo cego e o mais rançosos convencionalismo. Os conselheiros têm uma fé ilimitada e teimosa no poder da sugestão. À deprimida, recomendam: "Reaja, saia, passeie, divirta-se."

• Minha gente é de Santo

Faz um perfil de Olga Francisca Régis, ou Olga do Ala-Kêtu como é mais conhecida essa mãe-de-santo na Bahia, um contraponto à capa da revista que escolheu uma mulher loira para representar todas as brasileiras.

• Três histórias de desquite

A de Elisa, de 34 anos, que mora com os pais e se considera infeliz; a de Dagmar, 42 anos, que é arrimo da casa e vive só para a filha; e a de Emília, que se casou novamente.

• Dona Berta, o diretor

Apesar do título de ranço machista, o texto traça de maneira competente a trajetória bem sucedida da empresária Berta Schlesinger.

• Sou mãe solteira e me orgulho disso

Depoimento de uma mulher que resolveu assumir sozinha seu filho. Num box da matéria, o dado: na maternidade Pró-Mat de Rio de Janeiro, 25% dos partos atendidos são de mulheres solteiras.

MOVIMENTO

• Mulher e educação formal

A estrutura de ensino e o material escolar disseminam a ideologia machista, reforçada pelos próprios educadores que, muitas vezes, incentivam a aceitação dos estereótipos sexuais. Essa educação diferenciada e sem questionamentos acaba por restringir as mulheres ao magistério, enquanto os homens são incentivados a até os cursos de nível superior.

• A quem interessa pagar o trabalho doméstico?

A substituição em casa da presença feminina por estruturas (creches, lavanderia etc.) que permitam o ingresso da mulher no mercado de trabalho implicaria a conscientização da população necessitada destes serviços. A remuneração do trabalho doméstico seria uma saída.

• Empregadas domésticas

A falta de infra-estrutura para que a mulher trabalhe fora gerou uma mão-de-obra peculiar: a empregada doméstica, na maioria das vezes obrigada a

residir no serviço, com folgas quinzenais e jornada de trabalho sem limites nítidos. Para fugir de condições que cerceiam seu convívio com a própria família, a empregada opta por ser diarista ou operária. Em ambos os casos o salário torna-se insuficiente, pois é gasto em alimentação e condução.

• Sindicalismo

Mesmo em certas atividades, onde as mulheres são maioria, constata-se que sua participação nos sindicatos é restrita. Afirma-se que a dupla jornada de trabalho, associada à distância entre casa e emprego, é a grande responsável. Mas as mulheres, conscientes dos problemas e injustiças, procuram suprir a participação sindical com outras medidas que garantam o cumprimento de seus direitos, como discussões, mobilizações e greves.

• Mercado editorial

As revistas femininas são a mais atraente fatia do mercado editorial: suas vendas superam as dos principais jornais e revistas informativos. Apesar da existência de publicações destinadas a público de diferentes classes sociais, a homogeneidade do conteúdo reducionista é fato consumado.